



DOM JOSÉ NEGRI, PIME

A EUCHARISTIA: CENTRO DA NOSSA VIDA



CARTA PASTORAL 2020
DIOCESE DE SANTO AMARO

Caros diocesanos da Diocese de Santo Amaro,

Neste ano dedicado à Eucaristia, dirijo-me a cada um de vocês: padres, diáconos transitórios, religiosos e religiosas, seminaristas, homens e mulheres de boa vontade, comunidades, com o desejo de renovar o compromisso de colocar, no centro de toda a nossa atividade pastoral, o nosso amor pela Eucaristia.

Escrevo essas linhas depois de ter encontrado a maioria de vocês em um contexto eucarístico, em muitos casos ao redor de um altar para a celebração da Santa Missa. Isso aconteceu nas inúmeras visitas pastorais que fiz nas paróquias da Diocese, nas celebrações do sacramento da Crisma, e também em outras ocasiões e oportunidades, como fiz em várias missões populares, nos assentamentos e invasões.

Sempre que me encontro no meio de vocês, percebo que não sou eu o protagonista da visita, mas é o Senhor Jesus, que, no ponto mais alto da celebração, apresenta-se a nós sob as espécies do Pão e do Vinho.

Quando penso às inúmeras missas que são celebradas ao longo de um único fim de semana, estremeço ao avaliar quanta graça de Deus tem sido derramada em todos os ambientes eclesiais e comunitários da nossa Diocese.

Se, por um lado, a graça do sacramento deveria produzir os seus efeitos, por outro, fico refletindo sobre o fato de que muitos dos nossos irmãos ainda não foram alcançados por esta graça. Refiro-me, sobretudo, aos nossos jovens, que, após receberem o sacramento da Crisma, “fogem” das nossas paróquias.

Eis outro questionamento que me deixa apreensivo: Cristo morreu por todos, derramou seu sangue pela vida do mundo; mas, será que o mundo está consciente disso? Será que nas nossas catequese estamos realmente anunciando isso? Será que as nossas homilias procuram focar a centralidade do querigma (*kerigma*), do anúncio; ou preferimos falar o que os fiéis gostam de ouvir, esquecendo o que deveria ser o centro da nossa pregação? Mas, antes de tudo, é importante enfrentarmos esta questão: “Será que nós mesmos acreditamos nisso?”.

Para a nossa reflexão, pensei que poderíamos voltar ao ícone bíblico dos discípulos de Emaús. Na realidade, esta é a catequese que Jesus, o Ressuscitado, usou para ajudar dois discípulos que estavam “perdidos”, a reencontrarem o significado da própria fé e da própria vida.

“Naquele mesmo dia, o primeiro da semana, dois dos discípulos iam para um povoado, chamado Emaús, a uns dez quilômetros de Jerusalém. Conversavam sobre todas as coisas que tinham acontecido. Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e começou a caminhar com eles. Os seus olhos, porém, estavam como vendados, incapazes de reconhecê-lo. Então Jesus perguntou: “O que andais conversando pelo caminho?” Eles pararam, com o rosto triste, e um deles, chamado Cléofas, lhe disse: “És tu o único peregrino em Jerusalém que não sabe o que lá aconteceu nestes dias?” Ele perguntou: “Que foi?” Eles responderam: “O que aconteceu com Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e diante de todo o povo. Os sumos sacerdotes e as nossas autoridades o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Nós esperávamos que fosse ele quem libertaria Israel; mas, com tudo isso, já faz três dias que todas essas coisas

aconteceram! É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos assustaram. Elas foram de madrugada ao túmulo e não encontraram o corpo dele. Então voltaram, dizendo que tinham visto anjos e que estes afirmaram que ele está vivo. Alguns dos nossos foram ao túmulo e encontraram as coisas como as mulheres tinham dito. A ele, porém, ninguém viu”. Então ele lhes disse: “Como sois sem inteligência e lentos para crer em tudo o que os profetas falaram! Não era necessário que o Cristo sofresse tudo isso para entrar na sua glória?” E, começando por Moisés e passando por todos os Profetas, explicou-lhes, em todas as Escrituras, as passagens que se referiam a ele. Quando chegaram perto do povoado para onde iam, ele fez de conta que ia adiante. Eles, porém, insistiram: “Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando!” Ele entrou para ficar com eles. Depois que se sentou à mesa com eles, tomou o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e deu a eles. Neste momento, seus olhos se abriram, e eles o reconheceram. Ele, porém, desapareceu da vista deles. Então um disse ao outro: “Não estava ardendo o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?” Naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram para Jerusalém, onde encontraram reunidos os Onze e os outros discípulos. E estes confirmaram: “Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!” Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho, e como o tinham reconhecido ao partir o pão” (Lc 24, 14-35).

Todo o contexto da narrativa evangélica de Lucas está centrado sobre o reconhecimento de Cristo, seja na sua Palavra como na Eucaristia. O evangelista quer demonstrar, através desta catequese, como a comunidade cristã pode “reconhecer” o Cristo Ressuscitado, que está vivo e presente na sua Igreja. Encontramos o resumo desse evento no versículo 35, do capítulo 24: “Então, os dois relataram o que acontecera no caminho, e como O haviam

reconhecido ao partir o pão”.

Vamos acompanhar, gradualmente, a metodologia que Jesus adota com os discípulos para levá-los a reconhecê-lo.

“APROXIMOU-SE E PÔS-SE A CAMINHAR COM ELES... OS SEUS OLHOS, PORÉM, ESTAVAM COMO VENDADOS, INCAPAZES DE RECONHECÊ-LO” (Lc 24,15-16)

Considero que seja de importância vital levar em conta que Jesus **“aproximou-se e pôs-se a caminhar”** [24,15] com os discípulos.

Enquanto os apóstolos abandonaram Jesus, Ele não teria coragem de abandoná-los a si mesmos, não seria capaz de ignorar a existência deles. Como poderia o Mestre abandonar a Igreja que Ele mesmo fundou? Ele não os abandonou na hora da tempestade, quando o barco estava afundando; não os deixou à deriva, apesar da pouca fé deles. Jesus demonstra que Ele é sempre “fiel”, está sempre presente, mesmo que agora, para reconhecê-lo, sejam necessários os olhos da fé.

Como é consolador saber que, também hoje, depois de mais de dois mil anos, o Ressuscitado não abandona a sua Igreja. Pode ser, na verdade, que muitos, como os discípulos, sintam-se desorientados, confusos, frustrados. Também, muitos, entre nós, conceberam uma ideia diferente da Igreja, esperando um projeto com muito triunfalismo, muitas vitórias, muitos sucessos; entretanto, percebemos que, aos poucos, o número de fiéis vem diminuindo. Justamente neste contexto, é importante saber que o Senhor se aproxima de nós, caminha conosco, abre o caminho para uma nova compreensão dos fatos e da história.

É fundamental que suscitemos aquelas interrogações, que talvez estejam escondidas no profundo das nossas almas, e profiramos com os discípulos: “Nós esperávamos!” [v.21]. Sim, nós esperávamos que o nosso barco não estivesse furado; esperávamos não ter que ver certos escândalos; esperávamos e acreditávamos em uma Igreja “santa”, sem mancha e sem ruga, perfeita em todos os seus membros. Nós esperávamos não ter que viver os tempos que estamos vivendo, em que a busca do prazer e do vício parece que, aos poucos, vem acabando com tudo aquilo que semeamos ao longo de séculos. Como é possível que, em poucos dias de diversão não saudável, acrescida de muita perversão e distribuição de milhões de objetos de prazer desenfreado, acabem com os princípios e valores que pregamos desde a morte e ressurreição do Senhor? Onde erramos, Senhor?

Será que a nossa Igreja perdeu a sua força? Será que o nosso sal se tornou insosso e a nossa luz perdeu a sua intensidade?

O fato dos discípulos falarem e discutirem muito [vv.14-15] pode se tornar, também de nossa parte, uma atitude negativa. Muitas vezes, somos os primeiros a expressar as nossas críticas e as nossas discussões, servindo-nos de meios, como as redes sociais, por exemplo, que acabam aumentando ainda mais a depressão coletiva, servindo somente para ecoar, mais do que nunca, o que Cristo já derrotou na cruz. A nossa insatisfação, muitas vezes, é tão grande que acaba contaminando quem até agora tem um pouco de esperança, e acredita que o mundo “ainda não acabou” e que o Reino de Deus está presente no meio de nós.

Enquanto as nossas conversas e os nossos pensamentos continuarem a nos conduzir neste sentido, mesmo que Jesus se aproxime silenciosamente, será muito difícil reconhecer que Ele está

conosco, porque o nosso negativismo e o nosso pessimismo acabam sufocando qualquer um que se aproxime, nesta fase da nossa história.

Ele “caminha” conosco. A atitude dele é dinâmica; Ele não fica parado, está disposto a nos ajudar a sair deste dilema, mas respeita o caminho de cada um. Ele sabe bem que muitos não irão entendê-lo, que muitos farão de tudo para não reconhecê-lo, que muitos se desviarão do caminho, mas a sua presença está garantida.

“COMO SOIS SEM INTELIGÊNCIA E LENTOS PARA CRER... E EXPLICOU-LHES, EM TODAS AS ESCRITURAS, O QUE SE REFERIA A ELE” [vv.25-27]

Nesse instante, parece que Jesus ficou sério diante da falta de compreensão, por parte dos discípulos, da Palavra de Deus: as Escrituras. Eles tinham todas as condições para poder interpretar tudo o que viveram em Jerusalém, ou seja, a morte e a ressurreição do Mestre. Mas, faltou-lhes a inteligência, isto é, a razão, e faltou-lhes, também, o coração. Aqui, “lentos” significa “lentos de coração”.

Em poucas palavras, Jesus repreende os discípulos porque não tinham conhecimento profundo da sua Pessoa, daquilo que as sagradas escrituras diziam dele, mas se baseavam, unicamente, no conceito do povo e na concepção que eles tinham feito dele, sem considerar, minimamente, o que os profetas já tinham escrito a respeito da sua pessoa. São Jerônimo dirá, alguns séculos mais tarde, que “a ignorância da Escritura, é ignorância de Cristo”.

O que Jesus quer ensinar com esta chamada de atenção? Ele quer dizer que se a nossa fé não for fundamentada na Palavra, ela

irá, aos poucos, esmorecendo, seguindo várias doutrinas e fantasias sobre a própria pessoa de Jesus, que poderão até distorcer o verdadeiro projeto de Deus. Os dois discípulos tinham provas irrefutáveis para acreditar que Jesus tinha ressuscitado: as mulheres foram ao túmulo e não encontraram o corpo dele, mas encontraram os anjos que afirmaram que Ele “**está vivo!**”. Outros discípulos foram ao túmulo e confirmaram o que as mulheres tinham dito, mas ninguém O viu.

Uma passagem bíblica, que pode iluminar esse texto, a encontramos sempre no evangelista Lucas 16, 19-31: a parábola do rico e do pobre Lázaro. Bem no fim desta parábola, o rico, que já tinha morrido, suplica a Abraão que mande alguém na Terra para avisar os seus cinco irmãos para viverem a caridade, coisa que ele nunca fizera em vida e que, por isso, se encontrava em um lugar de tormentos. A resposta de Abraão foi clara: “*Se não escutam a Moisés, nem aos Profetas, mesmo se alguém ressuscitar entre os mortos, não se deixarão convencer*”. Se o rico, de fato, tivesse lido e aprofundado a Escritura, evidentemente não estaria em um lugar de tormentos, mas teria sentido compaixão para com o pobre Lázaro. A sua insensibilidade foi a causa da resistência que teve diante de alguém que estava morrendo de fome. No caso dele, mesmo que alguém da eternidade ressuscitasse para alertá-lo sobre a sua falta de compaixão, não teria adiantado.

Os discípulos se encontravam diante do Ressuscitado, mas os olhos deles, os olhos da fé, impediam-lhes de reconhecê-lo porque faltava a iluminação da Palavra.

Lentos de coração para crer

Seja-me permitido, a este ponto da nossa leitura, fazer uma

reflexão sobre a nossa maneira de transmitir a fé, a nossa maneira de comunicar e catequizar.

A revolução tecnológica, sob certo ponto de vista, foi um avanço muito grande: percebemos, por exemplo, como o mundo entrou em nossas casas. As informações se multiplicam e, em poucos instantes, conhecemos o que está acontecendo, do oriente ao Ocidente, de norte a Sul. Tudo isso favorece o conhecimento da realidade globalizada, mundial.

Por outro lado, estão emergindo, gradualmente, os defeitos e os riscos desta nova forma de aproximar e aprofundar a realidade, cuja protagonista, a meu ver, é a rapidez, a velocidade, e, ao mesmo tempo, a impaciência em querer saber tudo e no mesmo instante.

Isso tudo se reflete, também, sobre a nossa maneira de comunicar conteúdos importantes ou menos importantes. A nota dominante é a superficialidade! Não temos mais tempo de parar, de refletir, de assimilar os contextos, as situações da realidade que está ao nosso redor. Parece que estamos nos acostumando a tratar o externo com um clique, como fazemos com o mouse de computador, com o celular ou com o controle remoto do televisor. É por isso que, muitas vezes, sentimo-nos desnorteados, como os discípulos de Emaús, porque confiamos demais nos nossos juízos momentâneos, objetivos e superficiais. O excesso de conhecimento não se converte, necessariamente em sabedoria e, assim, só produz angústia e vazio interior.

Quando se trata de fé, portanto, aplicam-se os mesmos parâmetros. A nossa fé é tão superficial que, diante das primeiras dificuldades de todos os tipos, é a primeira a ser colocada em

questão, e as perguntas que se ouvem, frequentemente, são estas: “Por que Deus permitiu isso? Por que Deus fez isso? Por que Deus me abandonou?...”. Inconscientemente, acabamos tratando com Deus como se tratássemos com um meio tecnológico, exigindo dele a resposta imediata que, possivelmente, teria que nos agradar e vir ao encontro das nossas expectativas.

Por isso Jesus repete a nós, como aos discípulos: “*Lentos de coração em crer*”. A lentidão, da qual fala Jesus, é a lentidão em deixar que a Palavra de Deus, pela Escritura e pelos profetas, tome conta do nosso coração e seja encarnada.

A catequese

A alerta de Jesus questiona também a nossa maneira de transmitir a fé às crianças, aos adolescentes, aos jovens e adultos. Sobre o que se baseia a nossa catequese? Quais são as coordenadas do nosso evangelizar? O Papa Francisco, na sua Exortação Apostólica “*A Alegria do Evangelho*”, aponta para uma catequese fundada sobre o anúncio de Cristo morto e ressuscitado (EM 164): esse anúncio deve ser a nossa fortaleza, ponto de partida e ponto de chegada.

A eficácia desta Palavra, que é anunciada e doada, é intrínseca, isto é, tem uma força em si mesma; mas ela depende, muitas vezes, também do terreno que encontra ao ser semeada, tendo em vista o que fala Jesus na Parábola do semeador (Lc 8,4-15). Aqui, gostaria de me dirigir, sobretudo, aos primeiros catequistas, que têm a tarefa de preparar o terreno do coração das suas crianças para receber a graça da Palavra. Quantos pais, avós, tios e parentes, que muitas vezes assumem a responsabilidade da fé

da criança na hora do Batismo, mas depois esquecem com facilidade o compromisso que assumiram diante de Deus!

Nos dias de hoje ouve-se, frequentemente, o lamento de ótimos catequistas que percebem, sempre mais de perto, os obstáculos que se interpõem dificultando que a Palavra chegue até o coração das crianças. Os ambientes onde as crianças e os jovens vivem, muitas vezes, não favorecem esse processo e, às vezes, são até hostis. Quando uma família procura viver os valores do Evangelho dentro do próprio lar, fica bem evidente que a semente da Palavra cresce, se multiplica e traz muitos frutos. Porém, quando, infelizmente, se procura trazer para dentro de casa os contravalores ou as objeções a viver a própria fé com liberdade, abrindo espaço para outros princípios, que contrastam com o Evangelho, a sementinha lançada acaba morrendo.

A homilia

Outra possibilidade que nos permite aproximar a Palavra aos nossos fiéis, é a homilia dominical, que os nossos sacerdotes proferem durante a Missa. O Papa Francisco, sempre na Exortação Apostólica já citada, dedica muitos itens à importância da homilia [135-159]. Com certeza, esse é um instrumento muito valioso para poder formar uma comunidade. Já nos Atos dos Apóstolos temos um reflexo de como vivia a primeira comunidade cristã: *“Eles eram perseverantes no ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações”* (At 2,42). Se for bem preparada, a homilia não deixa de ser uma catequese.

Seguindo Jesus na narrativa dos discípulos de Emaús, notamos que o método dele implicava dois componentes: a razão, enquanto levava os “sem inteligência” a entender e aprofundar o

que tinha sido escrito em relação a Ele; e, ao mesmo tempo em que ensinava, procurava suscitar as dinâmicas do coração, a tal ponto deles relembrares as emoções que sentiram com as Palavras de Jesus: *“Não estava ardendo o nosso coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos abria às Escrituras?”* [32]. Esse é o efeito que deveria produzir em nós a Palavra: ela é como fogo que faz arder os nossos corações. Quando for assim, ela consegue provocar uma mudança na nossa vida: o desejo de conversão, o desejo do bem, e, ao mesmo tempo, a luz para enxergar onde estamos errados.

“FICA CONOSCO, POIS JÁ É TARDE E O DIA ESTÁ DECLINANDO!”
[v.29A]

Literalmente, o verbo “ficar” poderia ser traduzido também como “morar”. Assim, muda completamente o sentido da frase: “More conosco”, isto é: estabeleça a sua morada conosco. Se você, Jesus, vem morar conosco, a noite não nos amedrontará mais!

Neste momento da narração, já podemos vislumbrar a temática da Eucaristia: a morada de Deus entre os homens. Jesus tinha prometido que o Pai teria estabelecido a sua morada entre nós, e tinha-nos convidado a morar com Ele, como, de fato, Ele moraria em nós. No evangelista João, encontramos esta afirmação: *“Se alguém me ama, guardará a minha palavra; meu Pai o amará, e nós viremos a ele e nele faremos a nossa morada”* (Jo 14,23).

O texto de Lucas salienta: *“Ele entrou para ficar (morar) com eles”* [v.29b]. Mais uma vez, temos a confirmação da vontade de Jesus de não deixar os discípulos sozinhos, mas de dar-lhes a garantia da intenção de morar com eles. Isso se dará em diversas

formas, mas a forma mais alta será a Sua presença viva no meio de seu povo. Jesus já tinha prometido aos apóstolos que permaneceria sempre com eles, até o fim do mundo (Mt 20, 28). A Eucaristia será a maneira mais concreta e visível deste amor de Deus entre nós, que encontra o seu ápice na Páscoa do Senhor Jesus, que se traduz na realidade de cada dia da nossa história, até o fim dos tempos!

Até aqui, damo-nos conta do porquê Jesus teve que preparar os discípulos para esse momento sagrado, através das passagens bíblicas, para reafirmar que o projeto de Deus, de salvar a humanidade através de seu Filho, vem desde o princípio: *“No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus”* (Jo 1,1) ; *“Tudo foi criado por Ele e para Ele”* (Col 1,16b). Sem este fundamento bíblico, não se teria a justa compreensão dos gestos que Jesus realizará com os dois discípulos. De fato, a Escritura vai resgatando toda a história da salvação, mostrando, através dos eventos, a preocupação amorosa do Pai, que tem o seu resumo e completo entendimento na Eucaristia.

O dia está declinando

Sem criar muitos alarmismos, deveríamos, conscientemente, nos perguntar o que significa esse “declínio do dia”, para nós que acreditamos.

Nestes dias, a mídia está divulgando, com muita ênfase, o terror de um vírus, que está deixando assolados países que têm tamanho de continentes, como a China e a velha Europa. Notícias de jornais estão alarmando, dia após dia, sobre o que poderá acontecer se este vírus não for debelado. Obviamente, não entro no mérito da questão, que é complexa do ponto de vista da saúde

pública, mas gostaria de fazer uma comparação com outros vírus impregnados na nossa sociedade, e que têm uma força destrutiva, talvez pior, daquele vírus tão temido.

Poucos, por exemplo, acenam ao número de jovens que morrem por causa do “vírus” da droga, seja porque usuários, seja por causa do tráfico! E o álcool, será que está semeando poucas vítimas? E o que dizer dos assassinatos? Quantos morrem por dia no nosso Brasil, que, infelizmente, já não são mais notícia, porque nos acostumamos com este vírus, a tal ponto que não é mais considerado digno de interesse? E quantos, hoje, por causa de uma sexualidade desregrada, são contagiados pelo vírus HIV, que anos atrás apavorava pela alta taxa de letalidade, mas que, atualmente, com a descoberta de terapias que possibilitam a sobrevivência, deixou de assustar?

E o que dizer de outros vírus, que “parecem” menos perigosos, como o ódio, a divisão, os ciúmes, a inveja, que muitas vezes penetram até em nossas estruturas eclesiais?

Tudo isso vem confirmar a tese, já afirmada por papas no passado e nos dias atuais, de que estamos passando por um período de crise: é a crise da fé! O mundo está tentando, se já não conseguiu, derrubar as realidades e os valores sobrenaturais. Hoje, não se reflete mais sobre o fato de que um dia teremos que nos apresentar diante do Eterno Pai. Estamos com medo da noite, mas não temos o mínimo interesse em pensar que existe também a noite eterna, porque isso exigiria mudar drasticamente o nosso modo de viver e de existir.

O Papa Francisco, em sua Exortação Apostólica: “*Alegrai-vos e Exultai*”, ao número 161, nos fala de uma realidade que

acabou sendo esquecida. O demônio conquistou uma vitória impensável sobre o mundo: conseguiu convencer, a muitos, da sua inexistência, ou de que seria, ao máximo, apenas um mito. Ele é tão cínico que, às vezes, leva as pessoas a enxergar a existência dele em fatos ou situações em que ele não está; e, a não descobri-lo onde ele está verdadeiramente. Enquanto ele, como afirma o Papa, *“envenena-nos com o ódio, a tristeza, a inveja, os vícios. E assim, enquanto abrandamos a vigilância, ele aproveita para destruir a nossa vida, as nossas famílias e as nossas comunidades, porque, como um leão a rugir, ‘vos rodeia, procurando a quem devorar’”* (1Pd 5,8).

Ele entrou para ficar com eles

No livro do Apocalipse, encontramos um texto que pode nos ajudar a aprofundar mais o sentido da Eucaristia: *“Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, eu entrarei em sua casa e tomarei a refeição com ele, e ele comigo”* [3,20]. O desejo do Senhor, como já citei, é o de permanecer sempre conosco. Ele quer realmente “partir o pão”, “fazer a refeição conosco”, para nos amparar, para nos defender, para nos tirar das garras do inimigo. Por isso, não cansa, e, como um mendigo, não cessa de bater à porta do nosso coração, não deixa de insistir para que lhe abramos, mas, como fala o texto do Apocalipse, precisa que alguém ouça a sua voz e permita que Ele entre.

“SENHOR EU NÃO SOU DIGNO DE QUE ENTRES EM MINHA MORADA” (Mt 8,8)

Continuando a reflexão anterior, considero importante afirmar e comprovar o que já dizia o Papa Bento XVI em sua Exortação Apostólica “*O sacramento da caridade*” [20]: “*Uma catequese autêntica acerca do sentido da Eucaristia não pode ser separada da proposta de um caminho de penitência*”. De fato, constata-se que, sobretudo em uma cultura como a nossa, torna-se difícil reconhecer o que é pecado. Esta talvez tenha sido mais uma vitória do tentador: tende-se a cancelar o sentido do pecado, apoiados também em algumas teorias psicológicas que não têm como base uma antropologia cristã, e que pregam a teoria do super-homem idealizado, que visa a realização de si, negando qualquer tipo de culpa, frustração ou negativismo. O filósofo Nietzsche, por exemplo, dizia que o homem, para se realizar plenamente, deve “*romper os grilhões da metafísica, da moral, da religião e, em particular, deve, principalmente, eliminar toda e qualquer ideia de Deus*”¹. Conforme esta maneira de pensar, os culpados são sempre, e somente, os outros.

Aproveito deste espaço para agradecer os nossos sacerdotes, que não poupam tempo e energias para atender confissões e estimular uma pedagogia da confissão. Talvez seja necessária uma boa preparação dos nossos fiéis, para que o momento penitencial seja vivido em profundidade, antepondo um exame de consciência bem feito, que não se limite a levar o penitente a declarar coisas superficiais, ou pecados que já foram perdoados, mas que procure focar as raízes do mal cometido, acompanhado por um verdadeiro

¹ MONDIN, B. Antropologia teológica. Alba, Paoline . 1977.p. 69

arrependimento.

É importante, também, lembrar do grande tesouro da Igreja, que são as indulgências, que podem ser lucradas a favor de si mesmo ou a favor dos defuntos. Por causa de uma prática errônea do passado, acabamos por esquecer algo que vem contribuir com todo o processo de conversão. Os padres levem ao conhecimento do nosso povo que *“o uso das indulgências nos ajuda a compreender que não somos capazes, só com as nossas forças, de reparar o mal cometido, e que os pecados de cada um causam dano a toda a comunidade”* [21]. Recomendo, portanto, que juntamente à catequese sobre a Eucaristia, não fique esquecido esse dom que a Igreja coloca à nossa disposição, porque, como dizia sempre o Papa Bento XVI, *“a sua prática pode sustentar eficazmente os fiéis no caminho da conversão e na descoberta da centralidade da Eucaristia na vida cristã”*.

“DEPOIS QUE SE PÔS À MESA COM ELES, TOMOU O PÃO, PRONUNCIOU A BÊNÇÃO, PARTIU-O E DEU-LHES. ENTÃO OS OLHOS DELES SE ABRIRAM E O RECONHECERAM” [vv. 30-31A]

A intenção desta carta pastoral não é a de escrever um tratado sobre a Eucaristia - no passado, esses já foram escritos – mas, a de tentar ajudar o povo de Deus, neste biênio que queremos dedicar à Eucaristia, a conscientizar-se da preciosidade de viver profundamente este mistério.

Uma particularidade interessante apresenta-se neste versículo. Voltemos à última Ceia: Lucas apresenta Jesus “tomando um pão, deu graças, partiu-o e **deu**-lhes [Lc. 22, 19], isto é, deu o pão, a sua vida, de uma vez por todas, para sempre. Aqui, no texto que estamos analisando, o verbo *dar* deveria ser

flexionado como **dava**. Seria: “...tomou o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e **dava**-lhes”. Esta é uma ação que, no verbo grego, teve o seu início no passado, mas que continua, perdura. De fato, tudo o que começou na última Ceia, continua até o fim dos séculos através da celebração eucarística.

Um aspecto importante, que gostaria de sublinhar, e que o Papa São João Paulo II já acenava em sua Carta Encíclica sobre a relação da Igreja com a Eucaristia (*Ecclesia de Eucharistia*) [10], é que a Eucaristia não pode ser considerada unicamente como uma partilha, um encontro fraterno ao redor da mesa. Esta mentalidade acaba reduzindo enormemente o sentido profundo deste sacramento. Este erro já foi cometido no passado, mas, às vezes, quando não damos o justo valor à Eucaristia, e a dignidade que ela merece, podemos cair, também nós, no pecado de tratar o Cristo Eucarístico como se fosse simplesmente um pedaço de pão.

A Eucaristia, dizia o Concílio Vaticano II, é o sacrifício da Cruz, que se perpetua através dos séculos. (*Sacrosanctum Concilium*, n. 47): “O nosso Salvador instituiu... o sacrifício eucarístico do seu Corpo e do seu Sangue para perpetuar, pelo decorrer dos séculos, até Ele voltar, o sacrifício da Cruz”.

Aqui está o mistério da fé! É diante dele que deveríamos tomar consciência. Jesus, em todas as missas, “**revive**” o seu sacrifício na Cruz, e, como dizia o mesmo São João Paulo II, “a Igreja tem acesso ao sacrifício redentor, não só através duma lembrança cheia de fé, mas também com um contato atual, porque este sacrifício volta a estar presente, perpetuando-se, sacramentalmente, em cada comunidade que o oferece pela mão do ministro consagrado” [12].

Na Oração Eucarística V, à aclamação do ministro ordenado: “Eis o mistério da fé”, os fiéis respondem: “Todas as vezes que comemos deste Pão e bebemos deste Cálice, anunciamos Senhor a vossa morte, enquanto esperamos vossa vinda”. Esta morte é um prelúdio para o que será a ressurreição na vida futura, quando Cristo virá definitivamente.

Assim sendo, a Eucaristia se torna, de verdade, um grande mistério, porque nós, que recebemos esta graça de reviver com Cristo a sua paixão, somos, ao mesmo tempo, confortados pela ressurreição que, desde já, transforma a nossa história.

Então os olhos deles se abriram

Esta é a fé que precisamos: saber ir além dos sinais do pão e do vinho, e saber enxergar neles os verdadeiros Corpo e Sangue de Cristo. Não existe um milagre maior na terra! O Milagre da Transubstanciação converte toda a substância dos elementos terrenos do pão e do vinho em toda Substância de Cristo. A Eucaristia é, portanto, verdadeiramente seu Corpo, Sangue, Alma e Divindade. O que permanece inalterado são as propriedades do pão e do vinho percebidos pelos nossos sentidos, por isso podemos cantar com toda a Igreja o belo hino de Santo Tomás, *‘Enganam-se em ti a vista, o tato e o gosto. Com segurança só no ouvido cremos: creio em tudo o que disse o Filho de Deus. Nada é mais verdadeiro do que esta palavra de verdade’*.

O milagre dos nossos olhos, os quais, antes fechados, obcecados pelas coisas do mundo, manchados e tampados pelo egoísmo e pelo desejo de unicamente enxergar o que mais nos agrada, aos poucos, abrem-se, graças ao amor de Jesus, que quer se revelar a nós como Crucificado e Ressuscitado.

Cada encontro, de certa forma, tem uma incidência na nossa vida. Se estivermos abertos ao outro que vem ao nosso encontro, com certeza poderemos descobrir os valores e as qualidades que ele tem a nos comunicar. Na narração de Emaús, fica evidente que o encontro dos discípulos com o Mestre abriu-lhes não só os olhos, mas também a mente, a mentalidade, a maneira de considerar os fatos que aconteceram em Jerusalém, nos três dias da paixão, morte e ressurreição do Senhor.

A criança, quando vem à luz, abre com dificuldade os olhos, porque não conhece a nova realidade que irá encontrar; mas, uma vez que supera esse pequeno trauma, dá-se conta do novo que está ao seu redor e começa a viver de verdade. A Eucaristia produz em nós esta transformação. Muitas vezes, sentimos dificuldade em acatar uma nova realidade; parece-nos melhor ficar no nosso velho mundo, onde não é cobrado um grande esforço de mudança, onde funciona muito bem o “sempre foi feito assim!”. O Cristo Ressuscitado nos obriga a abrir os nossos olhos e admitir que as coisas mudaram, que o mundo em que estamos vivendo foi transformado pela força da Ressurreição, que se atualiza em cada Eucaristia. Ele nos obriga a admitir que somos chamados a abrir as portas da esperança, porque, de agora em diante, *“quem come a minha carne e bebe o meu sangue, tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia”* (Jo 6,54).

Neste momento, gostaria de, fraternalmente, e sem o intuito de ofender ou menosprezar ninguém, dirigir algumas perguntas para que possamos refletir melhor os efeitos da Eucaristia em nós. Perguntas que podem nos ajudar a abrir os nossos olhos sobre um mistério tão sagrado, que nos é oferecido por Jesus Cristo.

As perguntas podem ser dirigidas seja aos sacerdotes como aos fiéis:

- A Santa Missa que celebramos se torna realmente um encontro com Cristo morto e ressuscitado?

- As nossas comunidades se preocupam em preparar bem a Santa Missa, sem improvisações?

- Damos o justo valor ao que celebramos, seja no decoro, nos cantos, na música que adotamos?

- Cristo é realmente o centro, ou, muitas vezes, apropriamo-nos deste mistério, deixando o povo confuso, a tal ponto de não mais entender se, em meio a tantas “paraliturgias” acrescentadas na missa (com boa fé), o valor central da Eucaristia ainda está salvo?

A seguir, peço desculpas pela colocação que farei, mas acredito que o bispo tem também o dever de “abrir os olhos”. Antes de tudo, agradeço os padres que trabalham na nossa diocese, pelo esforço, pelo esmero e pelo trabalho realizado com ardor apostólico, em meio a realidades muito complexas que estão presentes em nossas periferias. Mas, confesso que, ao saber que há padres que não rezam a missa todos os dias, fico muito triste, porque este é um sinal de que ainda não temos plena consciência do mistério profundo que o próprio Cristo nos confiou. O Papa São João Paulo II, em sua encíclica sobre a Eucaristia, já alertava e exortava: *“Muitas são as atividades pastorais do presbítero. Se depois se pensa às condições socioculturais do mundo atual, é fácil ver como grava sobre ele o perigo da dispersão pelo grande número de tarefas”* [31]... *“o sacrifício eucarístico permanece o centro e a raiz de toda a vida do presbítero”*². *“Compreende-se, assim, quão importante seja para a sua vida espiritual, e depois para o bem da Igreja e do mundo, que o sacerdote ponha em*

² Presbyterorum ordinis, n.14

*prática a recomendação conciliar de **celebrar diariamente a Eucaristia**, ... porque , mesmo que não possa ter a presença dos fiéis, é ato de Cristo e da Igreja”[31]. O Papa Bento XVI também o recomenda na Exortação Apostólica citada: “Recomendo, aos sacerdotes, a celebração diária da Santa Missa, **mesmo quando não houver participação de fiéis**...a Santa Missa é formadora, no sentido mais profundo do termo, enquanto promove a configuração a Cristo e reforça o sacerdote na sua vocação” [80].*

Retomando o que os papas já disseram, levanto-me a questão: se um padre não celebra a missa todos os dias, como poderá sustentar as grandes tarefas e as distrações que vêm com toda a força para derrubar a sua própria espiritualidade? A Eucaristia diária é o centro e a raiz de toda a vida do presbítero! Ele não é um profissional que trabalha somente em determinadas horas. Ele deu a sua vida para Cristo! Como poderá viver sem este “centro”, sem “esta raiz”? Aos poucos, outras coisas e pessoas tomarão este centro, e, aos poucos, a espiritualidade esmorecerá, dando lugar a tantas atrações do mundo.

Quantos exemplos de homens santos nos oferecem a literatura e a bibliografia de sacerdotes, que deram a sua vida através da celebração diária da Eucaristia! E o que dizer dos leigos, que, em meio a tantas tarefas do dia a dia, encontram sempre o tempo para poder participar da Eucaristia semanal? Um dos padroeiros deste biênio eucarístico é o servo de Deus, e quase beato, Carlo Acutis: depois de receber a Primeira Eucaristia, com sete anos, nunca mais deixou de participar de uma missa, a não ser quando ficou doente, prestes a morrer. Deixemo-nos inspirar por estes exemplos e procuremos nos converter. O Ano Eucarístico seja uma boa oportunidade para revermos a nossa maneira de valorizar a Eucaristia!

E o reconheceram

Queria me deter um momento sobre esta afirmação de Lucas, para refletir sobre o aspecto **social** da Eucaristia. O papa Bento XVI já dizia, na Exortação apostólica citada, que ao redor da Eucaristia nasce o serviço da caridade com o próximo que *“consiste precisamente no fato de eu amar, em Deus e com Deus, a pessoa que não me agrada ou que nem conheço sequer. Isto só é possível realizar-se a partir do encontro íntimo com Deus, um encontro que se torna comunhão de vontade, chegando mesmo a tocar o sentimento. Então, aprendo a ver aquela pessoa já não somente com os meus olhos e sentimentos, mas segundo a perspectiva de Jesus Cristo”*[88].

A carne de Cristo, que vislumbro no seu Corpo sacratíssimo, não pode me afastar dos meus irmãos. Isso seria totalmente contra o Evangelho. Fechar-se em um intimismo seria como esquecer que Jesus veio para dar a sua vida para todos: pão repartido e sangue derramado.

Lembremo-nos, aqui, do exemplo de Santa Madre Teresa de Calcutá, que estabelecia, no horário das suas filhas religiosas, duas horas de adoração eucarística antes de sair ao encontro dos pobres da cidade. E quando uma das suas filhas reclamou que era gasto muito tempo para adoração e pouco tempo para os trabalhos sociais, Madre Teresa acrescentou mais meia hora de adoração, porque elas ainda não tinham entendido que para ver Jesus nos pobres era preciso tê-lo encontrado na Eucaristia.

A força da Eucaristia estava tão presente na pessoa de Madre Teresa que um dia ela foi encontrada por um religioso em uma ruela da cidade, sentada na beira do caminho, com uma criança moribunda entre os braços, debaixo de uma chuva que caía aos

cântaros. Quando perguntada pelo religioso, o que ela estava fazendo debaixo daquela chuva, a Madre respondeu: “Estou fazendo adoração eucarística”.

Adoremos Jesus na Eucaristia e, depois, nas estradas da nossa vida descobriremos que as chagas e as feridas, que encontramos na carne dos nossos irmãos, não são nada menos que do que as próprias chagas e feridas de Cristo crucificado. Depois de ter saído do encontro com Jesus, na missa, teremos mais luz para reconhecê-lo no pobre, no necessitado, na pessoa doente, no preso, no angustiado, no jovem drogado, no alcoolizado, na pessoa que necessita de amor e compreensão, na pessoa ferida pelo ódio e rancor, naquela que se sente excluída e abandonada.

Gostaria de propor que este Ano Eucarístico se transforme também em Ano da Caridade. Parabenizo as comunidades, paróquias, fraternidades, institutos, movimentos que vivem concretamente essa caridade, andando em busca dos pobres e necessitados que vivem ao nosso lado, nas esquinas de nossas ruas. Quantas famílias pobres são favorecidas pela distribuição inteligente de alimentos, por parte dos centros de caridade e solidariedade que existem em nossas paróquias!

Em uma das minhas visitas pastorais, conheci uma iniciativa interessante idealizada pelo pároco em sua paróquia. Naquele domingo da visita, acontecia “o domingo do quilo”, para arrecadação de comida para os pobres. Fora da igreja, havia uma grande caixa de papelão, com uma escrita: “Doação para os pobres”; mas, dentro da caixa, quando a pessoa se aproximava para depositar os alimentos, deparava-se com um grande espelho e, assim, podia enxergar a própria pessoa. A moral da história era que a doação que a pessoa estava fazendo era para ela mesma, pois o

pobre é a nossa carne, como dizia o profeta Isaías: “*Não desprezes a tua carne*” (Is, 58,70); e, portanto, devia ser generosa.

“ELE, PORÉM, DESAPARECEU DA VISTA DELES” [v.31B]

A invisibilidade de Jesus comprova que o contexto eucarístico nos orienta para um espaço mistagógico. Aqui estamos diante do mistério: tremendo e fascinante! Para adentrarmos no mistério eucarístico precisamos da fé. O desaparecimento de Jesus indica que não podemos tratar da Eucaristia como bem queremos, pois todo o mistério eucarístico nos deixa entrever que a nossa compreensão pode chegar até certo ponto; é preciso entrar em um plano sobrenatural. Ecoam aquelas palavras que o próprio Deus dirigiu a Moisés, no livro do Êxodo: “*Tira as sandálias dos teus pés, porque o lugar onde estás é solo sagrado*” (Ex 5,3).

Adoração eucarística

Um, dentre os momentos mais privilegiados para contemplar o mistério do Corpo e do Sangue de Jesus, é a adoração eucarística. Diante de Jesus sacramentado, cultiva-se a relação com o Mestre e se alimenta o estupor e a admiração por tão grande mistério, que celebramos na Missa.

Gostaria de incentivar as paróquias, os movimentos e associações, os institutos e congregações a desfrutarem deste tempo de graça do Ano Eucarístico, encorajando as suas comunidades e os seus membros a encontrarem um tempo prolongado para ficar diante de Jesus Eucarístico. Assim, poderão se acostumar a conversar com Ele. Lembremo-nos das palavras que Jesus dirigiu aos discípulos no Getsêmani: “*Não fostes capazes de vigiar nem uma hora comigo?*” (Mt 26,40).

Quando se fala com um amigo, não se perde tempo; quando a conversa é interessante, não se olha o relógio, mas quem escuta se deixa envolver a tal ponto que se esquece de si mesmo, para se fazer um com o outro que lhe fala. Deixemos falar o coração e escutemos o que Jesus tem a nos dizer.

Muitas vezes nos deixamos levar pela preocupação de uma pastoral organizada e estruturada: parece que sem ter um cronograma a paróquia não será considerada uma boa paróquia. Vivemos constantemente de reuniões, pensando que sem isso a Igreja não iria para frente. Mas, esquecemos que a alma da pastoral é a espiritualidade: sem esta, até a melhor das organizações é destinada a falhar. “Nunca se viu um santo que fracassou na pastoral”, dizia São João Paulo II. O fundamento de toda a ação na Igreja deve partir da contemplação da Eucaristia. Se essa for o centro, podemos ter certeza de que o resto funcionará. Com isso, não quero desmerecer a organização, o planejamento e as reuniões que têm a sua importância; mas, quero ressaltar que, antes de tudo, devemos colocar a prioridade e o motivo que nos levam a sermos zelosos na pastoral, que é o próprio Jesus. Começar qualquer reunião com um momento de adoração na frente do sacrário, já dará a orientação certa para aquilo que deverá ser discutido e tratado.

Gostaria de incentivar também os catequistas da Primeira Eucaristia a proporem, neste ano, momentos de adoração com as suas crianças. Elas são muito sensíveis aos valores que vão aprendendo ao longo dos anos. Seria valioso que os catequistas lhes ensinassem a considerar Jesus como um amigo, que está sempre presente em suas vidas, e que escolheu a Eucaristia como um meio para não se afastar de nós.

Aos padres, que presidem as celebrações eucarísticas com a procissão e a bênção do Santíssimo Sacramento, recomendo que se adéquem às normas litúrgicas. Jesus sacramentado seja levado com respeito, e devido e honroso decoro. É o Rei dos Reis que estamos carregando no meio do povo. Evitem-se abusos neste sentido, eduque-se o povo a adorar. A atitude corporal mais apropriada diante de Jesus é a de ficar de joelhos ou de pé.

O silêncio

No documento do Concílio Vaticano II sobre a Liturgia, a constituição *Sacrosanctum Concilium*, recomenda que a assembleia, nas celebrações litúrgicas, deve ser ajudada a “viver momentos oportunos de silêncio” [n.30].

Em verdade, o silêncio é a maneira mais sublime para poder escutar o que Deus quer nos dizer: “Quando orardes, não useis de muitas palavras como fazem os gentios, pois eles pensam que à força de muitas palavras serão atendidos” (Mt 6,7). É no silêncio que Deus se revela, é no silêncio que ouvimos a Sua Voz, é no silêncio que a nossa alma se acalma em meio a tanto barulho.

Parece, de fato, que as novas gerações foram criadas para viver em meio ao turbilhão de tantas vozes que se sobrepõem, de tal forma que a pessoa fica enlouquecida, a ponto de não saber mais distinguir a Voz de Deus das vozes do mundo. Esta pode ser mais uma artimanha do inimigo que não quer deixar Deus falar.

Serão muito preciosos os momentos que passaremos diante da Eucaristia, talvez sem dizer nada, somente contemplando e ouvindo o que Deus tem a nos dizer. É conhecido aquele fato que aconteceu com São João Maria Vianney: vendo um bom homem,

que todos os dias entrava na igreja e ficava horas em silêncio diante do sacrário, certo dia perguntou-lhe o que tinha de tão importante para falar para Jesus. Impressionado, ouviu a resposta: “Nada tenho a falar; eu olho para Ele e Ele olha para mim”.

Convido, portanto, os ministérios de música a respeitarem as normas litúrgicas com relação ao silêncio; em particular, aproveitar do momento de ação de graças, depois da comunhão, em que não está previsto um canto, para silenciar os instrumentos e deixar que as pessoas possam conversar a sós com Jesus, que, através da Eucaristia, entrou em suas almas. Esse silêncio pode ser até motivado com uma breve moção, ou rezando aquelas orações que são previstas depois da comunhão, como, por exemplo, “Alma de Cristo”.

“NAQUELA MESMA HORA, LEVANTARAM-SE E VOLTARAM A JERUSALÉM, ONDE ENCONTRARAM REUNIDOS OS ONZE E OS OUTROS DISCÍPULOS... E CONFIRMARAM – REALMENTE, O SENHOR RESSUSCITOU E APARECEU A SIMÃO” [vv.33-34]

A Eucaristia nos envia! Essa será a temática que nos acompanhará no ano 2021. Se, de fato, fizermos a experiência do Ressuscitado, não poderemos permanecer parados, mas, como os discípulos, teremos que nos **“levantar”**. Eles não se importaram que era noite; o evangelista faz questão de dizer: “Naquela mesma hora”. Depois que O reconheceram ao repartir o pão, o coração dos discípulos estava explodindo de alegria, a tal ponto que já não podiam mais conter a surpresa, o estupor, a maravilha, e, mesmo no escuro, mesmo que fosse noite, enfrentaram o caminho de volta.

O medo sumiu, a frustração sumiu, a decepção sumiu. A experiência do Senhor vivo e ressuscitado doou a eles um ânimo

novo, capaz de enfrentar qualquer obstáculo e a escuridão da noite. Na realidade, para eles, a noite era mais profunda quando não tinham mais sentido de viver, confusos, desorientados: quando não tinham reconhecido Jesus, quando não levaram em consideração as Escrituras, quando não acreditaram nos sinais da ressurreição. Em todas essas situações, era noite!

Para quem “reconhece” Jesus, a noite se transforma em luz, a vida não é mais a mesma, está mudada, tem algo que mexe com todo o ser. Os discípulos foram até os Onze para contar as maravilhas que tinham vivido com Jesus.

Esse é o estímulo missionário que deveria estar na base da nossa ação missionária. Proclamar com a vida e com o exemplo que Cristo não está morto, Ele está vivo e nos acompanha ao longo de todo o nosso viver. Como podemos permitir que ainda hoje, depois de dois mil anos, milhões e bilhões de pessoas não receberam este anúncio? Será que o nosso coração esfriou? Será que a nossa fé esmoreceu? Será que nos falta a força para nos “levantar” e correr para anunciar?

Um, entre os riscos maiores que sofremos na nossa sociedade, é o de aprender, do mundo, o individualismo. “Cada um por si e Deus para todos”. Esse lema é catastrófico porque, se fosse assim, quantas pessoas morreriam de fome, de frio, deixariam de ser resgatadas debaixo dos escombros das tragédias que ocorreram recentemente? Quantas pessoas morreriam de solidão e de abandono? Neste nosso caso concreto, o anúncio permitiria a tantas pessoas, que vivem ao nosso redor, vislumbrar a luz que vem do Evangelho.

Outro risco, no qual podemos cair, é o de desacreditar na potência do “anúncio”, como se um certo cansaço se apoderasse de

nós e deixássemos de acreditar que a nossa missão ainda não terminou!

Todo o trabalho da pesquisa sociorreligiosa, que foi feita nas nossas 112 paróquias, relevou um dado importante: as pessoas estão carentes de atenção, de acolhida. O vazio que se sente presente na sociedade, reflete-se, depois, nas famílias e nas comunidades das nossas realidades eclesiais. Esse é o terreno mais apropriado onde podemos realmente trabalhar. Se as pessoas vivem certo vazio em suas vidas, temos uma proposta interessante a lhes fazer: podemos lhes apresentar Alguém que preenche o nosso vazio, que responde aos questionamentos mais profundos; temos Alguém que dá sentido a qualquer existência: Cristo Jesus! Disso, temos que estar convencidos!

Neste ponto, gostaria de agradecer a todas as paróquias que se dispuseram a organizar semanas missionárias com visita às casas. Esta é a maneira privilegiada para alcançar os que estão longe, em todos os sentidos, e fazê-los experimentar que Deus está próximo deles e os visita com amor.

Outra maneira, para entrar nas casas, é o uso dos meios de comunicação social: a TV, o rádio, as redes sociais, vídeos, áudios etc. Sem dúvida, através destes meios, quando menos pensamos, podemos atingir inúmeras pessoas que sequer conhecemos, mas que estão sedentas de Deus. Se o programa for bem feito, pode se tornar uma maneira para anunciar e tocar o coração de pessoas cuja fé estava apagada há anos.

Quero, aqui, agradecer todos os missionários que, como os discípulos de Emaús, tornaram-se verdadeiros anunciadores. Convido-os a partilharem as experiências que fizeram de casa em casa, ou através da mídia. Precisamos partilhar a vida e a

esperança, se quisermos construir um mundo novo.

Agradeço, também, aos irmãos sacerdotes do nosso clero, ou pertencentes a Institutos diocesanos, que estão servindo outras igrejas carentes de padres. Eles são expressão autêntica da dimensão missionária e representam a nossa diocese no mundo missionário.

No ano 2021, estaremos todos voltados para a dimensão missionária. A Eucaristia vai nos enviar.

A Pastoral Vocacional

“Pedi pois, ao Senhor da colheita, que envie trabalhadores para a sua colheita” [Mt 9,38]. O tema da Eucaristia está muito ligado ao tema do sacerdócio. Como já dizia São João Paulo II, *“sem sacerdote não há Eucaristia”*. Se, portanto, quisermos que Jesus permaneça no nosso meio através da presença real de seu Corpo e Sangue, devemos nos esforçar e aumentar a nossa oração, para que nunca venham a faltar sacerdotes na nossa Igreja.

CONCLUSÃO

Como conclusão, gostaria de apontar algumas orientações gerais e particulares, deixando, porém, o espaço para outras iniciativas que venham se somar àquelas que já existem e nos ajudem a viver bem este biênio eucarístico.

Os jovens: depois do Biênio da Juventude, não podemos esquecer tudo o que nos propusemos no decorrer do biênio, em termos de sensibilidade, de responsabilidade frente a tantos jovens que frequentam os nossos ambientes, e ainda mais por aqueles que

se afastaram da Igreja. Poderíamos começar a partir dos jovens e fazer propostas concretas para animar e organizar momentos de silêncio e adoração eucarística nas nossas paróquias. Quem sabe, se depois destes dois anos, algum dos nossos jovens pudesse corresponder ao chamado do Senhor? Seria uma grande graça!

Valorizar a missa do domingo! Muitas vezes, damos muita ênfase a uma missa durante a semana, porque é particular ou porque reúne muitas pessoas. Não esqueçamos que o domingo é o Dia do Senhor! São João Paulo II nos deixou uma carta apostólica muito bonita sobre “O dia do Senhor” [*Dies Domini*, 31/05/1998]. Valeria a pena voltar a meditar estas belas palavras, que ele nos ofereceu para santificar um dia tão importante da semana que, inclusive, é dia de preceito.

Corpus Christi. A Igreja inteira, neste dia, põe-se em adoração da Eucaristia e leva Jesus sacramentado nas ruas, nas encruzilhadas e nas praças da cidade. Poderíamos programar, uma semana antes, algumas catequese sobre a Eucaristia, encontros eucarísticos, a bela tradição das *Quarenta Horas* de adoração, que já estão acontecendo em algumas das nossas paróquias.

O ícone eucarístico. O ícone está percorrendo todas as nossas paróquias. Seja uma oportunidade para a comunidade parar, contemplar e rezar. Ele ficará uma semana em cada paróquia. Durante a permanência do ícone, poderão ser organizadas vigílias eucarísticas, com as reflexões sobre o Corpo e o Sangue de Cristo.

Crianças da Primeira Eucaristia. Leve-se em consideração a importância que assume, neste biênio, a catequese oferecida para as nossas crianças, dentro da caminhada da iniciação cristã. Os catequistas ofereçam às crianças a oportunidade de poder falar com

Jesus e acostumá-las a interiorizarem a beleza desta amizade. A diocese já está se organizando para ter, neste ano, um grande encontro eucarístico com as crianças, no dia 16/05, no Santuário Mãe de Deus.

Dia de Adoração Eucarística da Diocese. No dia 30/05, teremos um dia inteiro de adoração eucarística, no âmbito diocesano. Toda a diocese está convidada a adorar Jesus. O encontro será na Paróquia Nossa Senhora da Esperança, de manhã até à noite. O encerramento prevê a procissão eucarística e a missa. Todos os ministros extraordinários da Eucaristia serão convocados, para organizar e conduzir esse momento diocesano.

Missionários: procurar, em cada paróquia, pessoas, leigas ou consagradas, que poderiam se colocar a serviço de um trabalho missionário, seja no próprio local, como também em áreas da nossa diocese que carecem de uma presença de Igreja. Neste sentido, serão bem-vindas, também, as vocações missionárias!

Gesto concreto: como já salientei no início, não podemos dissociar a Eucaristia da caridade. Gostaria que a diocese refletisse sobre a possibilidade de terminarmos este biênio com um gesto concreto de caridade. Será a melhor forma que teremos para ajudar as nossas comunidades a “abrirem os olhos” e irem ao encontro de situações que demandam a nossa atenção!

Que Maria Eucarística nos acompanhe nesta caminhada!

São Paulo, 25 de março de 2020
Solenidade da Anunciação do Senhor.
“*O Verbo se fez carne*” [Jo 1,14]

Conforme anunciei na abertura do Biênio Eucarístico (2020/21) em nossa Diocese de Santo Amaro, a exemplo do que tão frutuosamente ocorreu no passado Biênio da Juventude (2018/19), gostaria de propor como especiais patronos desta nossa iniciativa alguns modelos de santidade e amizade com Deus, que nos inspirem em nossas orações e atividades pastorais, além de serem nossos protetores de vida e em cada uma das nossas comunidades. São eles: os santos pastorinhos de Fátima, São Francisco Marto e Santa Jacinta Marto, Santa Dulce dos Pobres e o Beato Carlo Acutis.



SÃO FRANCISCO E SANTA JACINTA MARTO³

A FAMÍLIA DE FRANCISCO E JACINTA

Manuel e Olímpia Marto formavam um casal, cuja principal característica era a união, e a união dos pais era também a união

³ cf. Jean-François de Louvencourt. *Francisco e Jacinta de Fátima, duas estrelas na noite do mundo*. Gráfica de Coimbra 2. 2010.

dos seus filhos. Isso marca, profundamente, a vida de toda a família, como podemos também contemplar ao conhecer a família de Santa Teresinha de Liseux.

DOIS CORAÇÕES TÃO ÚNICOS, UNIDOS PELO AMOR E PELA FÉ

Jacinta era muita viva e espontânea, de delicadeza apurada, sempre muito atenta aos outros, embora tímida, esquivava-se ao ver pessoas zangadas. Doce e comunicativa, sempre abria seu coração àqueles a quem sentia que podia confiar.

Francisco era diferente em tudo. Discreto e reservado, mas nem por isso deixava de ser divertido e simpático. Não costumava falar de si aos outros. Dotado de extrema sensibilidade, gostava de estar sempre disponível a ajudar quem lhe pedia e comovia-se com facilidade.

Ao mesmo tempo, eram inseparáveis: onde estava Jacinta, lá estava Francisco. Eram unidos por características também comuns: a alegria e a franqueza. Ambos tinham profunda alegria de viver e de brincar, o máximo que podiam, e tamanha era a franqueza de suas almas, tão puras, que desarmariam até mesmo seus detratores.

Um era a consolação do outro, assim como, também, eram unidos à prima Lúcia. Certa vez, quando as três crianças estavam na prisão, Francisco vê a irmã desanimada e desesperada e, então,

a reconforta, dando-lhe coragem para enfrentar essa tremenda provação, para crianças tão inofensivas.

CRIANÇAS SEM INSTRUÇÃO, MAS SEDENTAS DE DEUS

Em 1917, no centro de Portugal, existiam escolas para rapazes, mas o ensino não era obrigatório, principalmente para os mais pobres, como Francisco. Nesse sentido, não é difícil imaginar que o nível de instrução dos irmãos Marto, como também de todas as crianças daquela região, fosse muito fraco. Não sabiam ler, nem escrever, nem mesmo contar. Impossível seria que fossem capazes de compreender, exatamente, a complexidade da mensagem que lhes confiaria a Virgem Maria, a quem eram extremamente fiéis. No campo religioso, ao contrário, eram muito piedosos, com toda formação espiritual recebida de seus pais, através do exemplo e das orações aprendidas e recitadas no lar. E Nossa Senhora não estava em busca de inteligências precoces ou brilhantes, mas de almas simples, em busca da presença de Deus, porque queria Ela ser a educadora dessas crianças escolhidas por Deus.

AS APARIÇÕES DO ANJO DA PAZ E A EUCARISTIA

A visita de Nossa Senhora foi precedida por outra visita, também do céu. Na primavera de 1916, o Anjo lhes apareceu, a primeira vez, enquanto brincavam, depois de rezar, na Loca do Cabeço. Um forte vento sacudiu as árvores e, então, as três crianças,

Lúcia, Jacinta e Francisco viram um jovem resplandecente, de grande beleza, aparentando ter entre quatorze e quinze anos, de uma consistência e brilho como o do cristal atravessado pelos raios do sol, como nos conta a Ir. Lúcia. Ao chegar perto deles, o Anjo lhes disse:

- Não temais! Sou o Anjo da Paz. Orai comigo. E, ajoelhando em terra, curvou a fronte até o chão e as fez repetir três vezes estas palavras, que, especialmente neste biênio eucarístico, queremos repetir com eles:

- *Meu Deus! Eu creio, adoro, espero e amo-vos! Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não vos amam.*

Depois, erguendo-se, disse: “Orai assim. Os Corações de Jesus e de Maria estão atentos à voz das vossas súplicas!”. E, então, desapareceu.

No verão de 1916, quando os três brincavam na casa dos pais de Lúcia, aparece-lhes novamente o Anjo e diz:

- Que fazeis? Orai! Orai muito! Os Corações Santíssimos de Jesus e de Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia. Oferecei constantemente ao Altíssimo orações e sacrifícios.

- Como nos havemos de sacrificar? – pergunta Lúcia.

E o Anjo responde: “De tudo o que puderes, oferecei a Deus sacrifício, em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido, e de súplica pela conversão dos pecadores. Atraí, assim, sobre a vossa pátria, a Paz. Eu sou o Anjo da sua guarda, o Anjo de Portugal. Sobretudo, aceitai e suportai, com submissão, o sofrimento que o Senhor vos enviar”. Depois, ele desaparece.

Podemos ter certeza de que a nossa Diocese também possui um Anjo escolhido pelo Senhor, como também cada uma das nossas paróquias, famílias e cada um de nós! Contemos com a companhia desses nossos amigos inseparáveis, que nos ajudam a conhecer e a praticar a vontade de Deus. Quantos anjos estão presentes, adorando a Trindade Santa, em cada Santa Missa celebrada em nossa Diocese, como também em cada adoração eucarística, ao nosso lado!

No fim do verão, início do outono, ainda de 1916, o Anjo apareceu uma última vez na Loca do Cabeço, como nos narra a Ir. Lúcia: “Depois de termos merendado, combinamos de ir rezar na gruta, que ficava do outro lado do monte. (...) Logo que aí chegamos, de joelhos, com os rostos prostrados em terra, começamos a repetir a oração do Anjo: ‘Meu Deus! Eu creio, adoro, espero e amo-Vos, peço-Vos perdão por aqueles que não creem, não adoram, não esperam e não vos amam’. Não sei quantas

vezes tínhamos repetido essa oração, quando vimos que sobre nós brilhava uma luz desconhecida. Erguemo-nos para ver o que se passava, e vimos o Anjo tendo na mão esquerda um cálice, sobre o qual estava suspensa uma Hóstia, da qual caíam algumas gotas de Sangue, dentro do cálice”.

Deixando o cálice e a Hóstia suspensos no ar, o Anjo prostrou-se em terra, junto aos três pastorinhos, e os fez repetir três vezes a oração: “Santíssima Trindade, Pai, Filho, Espírito Santo, ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da Terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E, pelos méritos infinitos de seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores”.

Em seguida à oração, o Anjo levantou-se e deu a Hóstia à Lúcia, e deu o cálice a beber para Francisco e Jacinta, dizendo: “Tomai e bebei o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, horivelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparai os seus crimes e consolai o vosso Deus”. E, depois de prostrar-se novamente em terra, repetiu com eles, outras três vezes, a mesma oração à Santíssima Trindade e, então, desapareceu.

Depois dessa aparição, notaram que já era noite e voltaram para casa. Sem dúvida, a sensação desta última aparição do Anjo

da Paz foi a mais impactante de todas, e também a mais eucarística. Daquele dia em diante, as três crianças passaram a rezar mais intensamente as orações aprendidas do céu e a fazer inúmeros sacrifícios de reparação pela conversão dos pecadores. Eles não sabiam que uma visita, ainda mais importante, em breve lhes seria feita: a da Virgem Maria.

AS APARIÇÕES DE NOSSA SENHORA

Nossa Senhora apareceu seis vezes aos Pastorinhos: Lúcia, Francisco e Jacinta. Todas as vezes, salvo a 13 de agosto, na Cova da Iria - que quer dizer “Vale de Irene”, lugar já considerado santo, pois Irene foi uma jovem mártir da pureza, que viveu no século VII - Nossa Senhora apareceu por volta do meio-dia, ou seja, no esplendor do dia, e em todas as vezes o céu estava azul, exceto em 13 de outubro, quando ocorreu o milagre da dança do sol, à vista de mais de 50 mil pessoas.

Segundo as descrições de Ir. Lúcia, Nossa Senhora apareceu após um clarão, como de um relâmpago, num céu luminoso e sereno, sobre um carrasqueiro de pouco mais de um metro de altura. Era “uma Senhora vestida toda de branco, mais brilhante que o sol, espargindo luz mais clara e intensa que um copo de cristal cheio de água cristalina, atravessado pelos raios do sol mais ardente. Seu semblante era de uma inenarrável beleza, nem triste, nem alegre, mas sério, talvez com uma suave expressão de censura.

O vestido era mais branco que a neve, parecia um tecido de luz, descendo até os pés, os quais era envolvidos por uma tênue nuvem, roçando as franças da azinheira. Um manto lhe cobria a cabeça, também branco e orlado de ouro, do mesmo comprimento do vestido, envolvendo quase todo o corpo. As mãos, trazia-as juntas em oração, apoiadas no peito, e da direita pendia um lindo rosário de contas brilhantes como pérolas, terminando por uma cruzinha de vivíssima luz prateada. Como único adereço, um fino colar de ouro luz, pendente sobre o peito, e rematado, quase à cintura, por uma pequena esfera do mesmo metal”.

PRIMEIRA APARIÇÃO: 13 DE MAIO DE 1917

Nesta primeira aparição, a Virgem Maria pede aos três pastorinhos que venham seis meses seguidos, no dia 13, à mesma hora e, ainda, diz que viria uma sétima vez. Assim lhes falou Nossa Senhora: “Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido, e de súplica pela conversão dos pecadores?”. Os três responderam: “Sim!”. Então, a Virgem Maria acrescentou: “Ides, pois, tereis muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto”. Ao dizer essas palavras, abriu pela primeira vez as mãos, comunicando às crianças uma luz tão intensa, como que reflexo que delas expedia, que lhes penetrava no peito e no mais íntimo da alma, fazendo-lhes ver-se a si mesmas

em Deus, que era aquela Luz. Foi, então, que os três pastorinhos caíram de joelhos e repetiam intimamente: “Ó Santíssima Trindade, eu vos adoro, Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento”. Depois, Nossa Senhora acrescentou: “Rezem o terço todos os dias, para alcançarem a paz para o mundo e o fim da guerra”. Em seguida, levou-se, serenamente, até desaparecer no céu.

A SEGUNDA APARIÇÃO, 13 DE JUNHO DE 1917

Desta vez, eram aproximadamente 50 pessoas na Cova da Iria, quando as três crianças viram o mesmo reflexo de luz, parecido com um relâmpago. Nossa Senhora lhes pediu que voltassem a 13 de julho, que rezassem o santo terço e que aprendessem a ler. Lúcia, então, pede a Nossa Senhora que leve os três para o céu, ao que Ela responde: “Sim, à Jacinta e ao Francisco levo-os em breve, mas tu ficas cá mais algum tempo. Jesus quer servir-se de ti para Me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração. A quem abraçar, prometo a salvação; e serão queridas de Deus estas almas, como flores postas por mim a adornar o seu trono”.

Nossa Senhora anima Lúcia, dizendo que nunca a deixará: “O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduz até Deus”. Novamente, abriu as mãos e lhes comunicou o reflexo da intensa luz, submergindo-as em Deus. Na palma da mão

direita estava um Coração cercado de espinhos que pareciam estar nele cravados. Era o Imaculado Coração de Maria, ultrajado pelos pecados da humanidade, querendo reparação. Em seguida, Nossa Senhora foi sendo elevada, serenamente, aos céus.

A TERCEIRA APARIÇÃO: 13 DE JULHO DE 1917

Desta vez, Lúcia, até a tarde do dia anterior, estava resolvida a não comparecer. Mas, ao se aproximar a hora, sentiu-se impelida por uma força estranha, à qual não resistiu. Foi ao encontro de Francisco e Jacinta e os encontrou no quarto, de joelhos, chorando e rezando, pois não queriam, de modo algum, ir sem ela. Então, os três se puseram a caminho.

Ao chegarem à Cova da Iria, surpreenderam-se com mais de duas mil pessoas aguardando o acontecimento do céu. O pai de Francisco e Jacinta, o sr. Marto, narrou ter visto uma nuvenzinha acinzentada pairar sobre a azinheira, enquanto o sol se turvava e fresca aragem soprava.

Ao aparecer, Nossa Senhora disse aos pastorinhos: “Quero que venham aqui no dia 13 do mês que vem; que continuem a rezar o terço todos os dias, em honra de Nossa Senhora do Rosário, para obter a paz do mundo e o fim da guerra, porque só Ela lhes poderá valer”. Lúcia disse, em suas memórias, que a Virgem Maria pediu que se sacrificassem pelos pecadores e que repetissem muitas vezes:

“Ó Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores, e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria”.

Nessa ocasião, Nossa Senhora revelou às crianças a primeira parte do segredo de Fátima: a visão do inferno; a segunda parte do segredo, o anúncio do castigo e dos meios para evitá-lo. A terceira parte do segredo permaneceu com Lúcia até 26 de junho de 2000, quando foi divulgada, por determinação do papa S. João Paulo II.

Sempre me perguntei o motivo de Nossa Senhora ter permitido uma visão tão dolorosa àquelas pequeninas crianças e outra resposta não me parece possível senão que somente olhos tão puros pudessem ver tamanho sofrimento e dor, sem cair em desespero, consolados pela própria Virgem Maria e auxiliados por uma infinita graça de Deus. Por isso, também confiamos aos Santos Pastorinhos de Fátima este biênio eucarístico em nossa Diocese, para que, auxiliados por eles, possamos, também nós, unir súplicas e sacrifícios de reparação pela conversão de todos os pecadores e para nossa própria conversão, nestes tempos tão atribulados em que vive a humanidade inteira.

QUARTA APARIÇÃO: 15 DE AGOSTO DE 1917

Às vésperas da data escolhida por Nossa Senhora, os três pastorinhos foram retidos e mantidos por três dias na prisão, sob a

vigilância do Administrador de Ourém, pois ele queria, a todo custo, arrancar-lhes os segredos a eles confiados. Por isso, não puderam comparecer à Cova da Iria, na data escolhida pela Virgem Santíssima. Já libertos, em 15 de agosto, enquanto estavam em Valinhos, Lúcia e Francisco sentiram a atmosfera sobrenatural os envolver e, então, mandaram que João, irmão de Jacinta, fosse chamá-la. Lúcia e Francisco viram, novamente, a luz como um relâmpago e, assim que chegou Jacinta, Nossa Senhora lhes apareceu sobre o carrasqueiro. Pediu, novamente, que voltassem no próximo dia 13 e que rezassem o terço todos os dias. Ainda, fez-lhes uma promessa: “No último mês, farei um milagre para que todos acreditem”. Nossa Senhora pediu, também, que fossem construídos dois andores para a festa de Nossa Senhora do Rosário e acrescentou: “Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios pelos pecadores, que vão muitas almas para o inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas”. Durante longo tempo, os três pastorinhos permaneceram em estado êxtase e sentiam-se envolvidos por uma alegria inigualável, mesmo após tantos sofrimentos e temores.

QUINTA APARIÇÃO, 13 DE SETEMBRO DE 1917

Nesse dia, já eram cerca de 15 a 20 mil pessoas que estavam presentes na Cova da Iria. Eram tantos o que faziam inúmeros pedidos às crianças, para serem apresentados a Nossa Senhora.

Nossa Senhora, mais uma vez, aparece às crianças e lhes diz: “Continuem a rezar o terço para alcançarem o fim da guerra. Em outubro virá também Nosso Senhor, Nossa Senhora das Dores e do Carmo, São José, com o Menino Jesus, para abençoarem o mundo. Deus está contente com os vossos sacrifícios, mas não quer que durmais com a corda (cilício); trazei-a só durante o dia”.

SEXTA E ÚLTIMA APARIÇÃO: 13 DE OUTUBRO DE 1917

Diferente das outras ocasiões, desta vez chovia muito, e a Cova da Iria se convertera num lamaçal e estava presente uma grande multidão de pessoas, cerca de 50 a 70 mil, vindos de todos os lugares de Portugal. Assim que chegaram as três crianças, Lúcia pediu que fechassem os guarda-chuvas para rezarem o santo terço. E, pouco depois, houve o reflexo da luz e Nossa Senhora apareceu novamente sobre o carrasqueiro.

Nossa Senhora, então, disse aos pastorinhos: “Quero dizer-lhes que façam aqui uma capela em minha honra, que sou a Senhora do Rosário, que continuem a rezar o terço todos os dias. A guerra vai acabar e os militares voltarão em breve para suas casas”. Então, Lúcia fez alguns pedidos de cura para uns doentes e conversão para alguns pecadores, e Nossa Senhora respondeu: “Uns sim, outros não. É preciso que se emendem, que peçam perdão dos seus pecados”. E, tomando um aspecto triste, acrescentou: “Não ofendam mais a Deus, Nosso Senhor, que já

está muito ofendido”. Novamente, Nossa Senhora abriu as mãos e nelas refletiu o sol, e enquanto era elevada ao céu, o reflexo da própria luz começou a projetar-se no sol.

Começaram, então, visões simbolizando os mistérios do Rosário, gozosos, dolorosos e gloriosos. Durante toda a aparição estava chovendo. Foi, então, que Lúcia gritou para o povo dizendo: “Olhem para o sol!”. Rasgaram-se as nuvens, e sol apareceu como um imenso disco de prata e, apesar de seu intenso brilho, todos puderam olhá-lo diretamente, sem ferir a vista. Todas as pessoas estavam mergulhadas diante de tamanho espetáculo sobrenatural, quando o sol se pôe a bailar, girando rapidamente como uma gigantesca roda de fogo. Em seguida, o sol parou de repente, e pouco depois, recomeçou a girar sobre si mesmo numa espantosa velocidade. Finalmente, num turbilhão vertiginoso, suas bordas adquirem uma cor escarlate, espargindo chamas vermelhas em todas as direções. Esses facho de luz refletem no solo, nas árvores, nos arbustos, nas faces voltadas para o céu, reluzindo com todas as cores do arco-íris. O disco de fogo rodopia, loucamente três vezes, com cores cada vez mais intensas; treme, espantosamente, e, descrevendo um ziguezague descomunal, precipita-se em direção à multidão aterrorizada.

Diante deste espetáculo sobrenatural, vindo do céu, à vista de todos, um único e imenso grito escapa de todas as bocas. Todos caem de joelhos, na lama, e pensam que vão ser consumidos pelo

fogo. Muitos rezam, em voz alta, o ato de contrição. Pouco a pouco, o sol começa a se elevar, traçando o mesmo ziguezague, até o ponto do horizonte onde havia descido. Logo o sol volta ao seu normal e o ciclo das visões de Fátima estava encerrado.

Os prodígios duraram cerca de 10 minutos diante de todos. Após o fenômeno sobrenatural, todos se ajoelharam maravilhados, a exclamar: “Milagre! Milagre! As crianças tinham razão!”. Os diversos gritos de alegria e entusiasmo ecoavam pelas colinas e muitos notavam que suas roupas encharcadas da chuva estavam completamente secas. O milagre pôde ser observado a uma distância de até 40 quilômetros da Cova da Iria.

MORTE E CANONIZAÇÃO DE SÃO FRANCISCO E SANTA JACINTA MARTO

Em meados de 1917 e 1918, quando começou a sua doença, Jacinta foi agraciada com diversas visões: o Santo Padre insultado e perseguido; a Segunda Guerra Mundial, o Santo Padre em oração diante do Imaculado Coração de Maria, com uma multidão de pessoas que rezavam com ele.

Ao fim de 1918, Francisco caiu gravemente doente com a epidemia da gripe espanhola e, mais tarde, também Jacinta. Toda a família, à exceção do pai, contrai a doença que logo se tornou uma pandemia e faria mais vítimas que a Primeira Guerra Mundial.

Francisco e Jacinta ainda chegam a melhorar e podem sair do quarto, mas têm uma recaída grave. Próximo ao Natal do mesmo ano, Nossa Senhora aparece aos dois e anuncia a Francisco que, em breve, viria buscá-lo para o céu. À Jacinta, Nossa Senhora avisa que será internada muitas vezes e terá ainda muito que sofrer, o que ela aceita com alegria, oferecendo tudo pela conversão dos pecadores.

Em 3 de abril de 1919, Francisco recebe o viático e esta será a primeira e última vez que ele recebe a comunhão sacramentalmente. No dia seguinte, acompanhado de Jacinta e Lúcia, Francisco morre sem agonia, suavemente, e com um sorriso luminoso no rosto, aos 10 anos de idade e 9 meses.

Em 1º de julho de 1919, Jacinta é internada, o que ocorre várias vezes até 1920, quando lhe é concedido visitar mais uma vez a Cova da Iria e, após o dia 21, depois de se despedir comoventemente de Lúcia, ela deixa para sempre a casa de sua família. Jacinta é levada, então, para um hospital em Lisboa, pela sua mãe Olímpia, que tem que deixá-la ali para voltar para casa e cuidar dos outros filhos, que também estavam gravemente doentes. Seu pai, Manuel, faz várias visitas, no período em que esteve internada, mas sempre tem que voltar para cuidar também dos outros filhos enfermos.

Em 20 de fevereiro de 1920, Jacinta sente-se muito mal e

pede para receber a comunhão, afirmando que vai morrer. O prior do hospiral vai visitá-la, mas acreditando que não era algo mortal, promete voltar no dia seguinte. Jacinta, no entanto, morre pouco depois, com muita paz, embora sozinha, como ela mesmo tinha anunciado. Tinha então nove anos e 11 meses.

Em 13 de maio de 2017, Francisco e Jacinta foram canonizados pelo Papa Francisco, no Santuário de Nossa Senhora de Fátima, em Portugal, durante as comemorações do centenário das aparições de Nossa Senhora. O milagre, reconhecido pela Santa Sé, para a canonização dos pastorinhos de Fátima se deu no Brasil, para o menino Lucas, e ele, acompanhado de seus pais, Joao Batista e Lucila Yurie, e da sua irmã, Eduarda, estiveram presentes na canonização.

(<https://www.acidigital.com/noticias/um-ano-apos-canonizacao-de-pastorinhos-menino-que-recebeu-o-milagre-da-testemunho-de-fe-90056>)

Confiemos este biênio eucarístico à intercessão destas duas crianças abençoadas e escolhidas por Deus e pela Virgem Maria. Que elas intercedam, também, pelas nossas famílias, neste período tão difícil de pandemia do COVID19.



SANTA DULCE DOS POBRES

Irmã Dulce nasceu em 26 de maio de 1914, no bairro de Barbalho, na freguesia de Santo Antônio Além do Carmo, em Salvador. Segunda filha do dentista Augusto Lopes Pontes, professor da Faculdade de Odontologia, e de Dulce Maria de Souza Brito Lopes Pontes, ao nascer recebeu o nome de Maria Rita de Souza Brito Lopes Pontes.

A menina Maria Rita foi uma criança cheia de alegria:

adorava brincar de boneca, empinar arraia e tinha especial predileção pelo futebol - era torcedora do Esporte Clube Ypiranga, time formado pela classe trabalhadora e os excluídos sociais.

Aos sete anos, em 1921, perdeu sua mãe Dulce, que tinha apenas 26 anos. No ano seguinte, com seus irmãos Augusto e Dulce (a querida Dulcinha), faz a Primeira Comunhão na Igreja de Santo Antônio Além do Carmo.

A vocação para trabalhar em benefício da população carente teve a influência direta da família, uma herança do pai que ela levou adiante, com o apoio decisivo da irmã, Dulcinha. Aos 13 anos, graças ao seu destemor e senso de justiça, traços marcantes revelados quando ainda era muito novinha, Irmã Dulce passou a acolher mendigos e doentes em sua casa, transformando a residência da família – na Rua da Independência, 61, no bairro de Nazaré -, num centro de atendimento. A casa ficou conhecida como ‘A Portaria de São Francisco’, tal o número de carentes que se aglomeravam à sua porta. Também é nessa época que ela manifesta, pela primeira vez, após visitar, com uma tia, áreas onde habitavam pessoas pobres, o desejo de se dedicar à vida religiosa.

Em 8 de fevereiro de 1933, logo após a sua formatura como professora, Maria Rita entra, então, para a Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, na cidade de São Cristóvão, em Sergipe. Em 13 de agosto de 1933, recebe o

hábito de freira das Irmãs Missionárias e adota, em homenagem a sua mãe, o nome de Irmã Dulce.

A primeira missão de Irmã Dulce, como freira, foi ensinar em um colégio mantido pela sua congregação, no bairro da Massaranduba, na Cidade Baixa, em Salvador. Mas, o seu pensamento estava voltado mesmo para o trabalho com os pobres. Já em 1935, dava assistência à comunidade pobre de Alagados, conjunto de palafitas que se consolidara na parte interna do bairro de Itapagipe. Nessa mesma época, começa a atender também os operários que eram numerosos naquele bairro, criando um posto médico e fundando, em 1936, a União Operária São Francisco – primeira organização operária católica do Estado, que depois deu origem ao Círculo Operário da Bahia. Em 1937, funda, juntamente com Frei Hildebrando Kruthaup, o Círculo Operário da Bahia, mantido com a arrecadação de três cinemas, que ambos haviam construído através de doações – o Cine Roma, o Cine Plataforma e o Cine São Caetano. Em maio de 1939, Irmã Dulce inaugura o Colégio Santo Antônio, escola pública voltada para operários e filhos de operários, no bairro da Massaranduba.

BEATIFICAÇÃO: O MILAGRE RECONHECIDO

Em outubro de 2010, a Congregação para a Causa dos Santos, através de voto favorável e unânime de seu Colégio de cardeais e

bispos, reconheceu a autenticidade de um milagre atribuído à Irmã Dulce, cumprindo, dessa forma, a penúltima etapa do processo de Canonização: estágio que levaria à beatificação da religiosa no ano seguinte. O anúncio foi feito no dia 27 de outubro de 2010, pelo então Arcebispo Primaz do Brasil, cardeal D. Geraldo Majella Agnelo, em coletiva realizada na sede das Obras Sociais Irmã Dulce, em Salvador.

O referido milagre ocorreu na cidade de Itabaiana, em Sergipe, quando, após dar à luz a seu segundo filho, Gabriel, Claudia Cristina dos Santos sofreu uma forte hemorragia, durante 18 horas, tendo sido submetida a três cirurgias, na Maternidade São José. Diante da gravidade do quadro, o obstetra Antônio Cardoso avisou a família que apenas “uma ajuda divina” poderia salvar a vida de Cláudia. Em desespero, a família da miraculada chamou o padre José Almí, para ministrar a unção dos enfermos. O padre, no entanto, decidiu fazer uma corrente de oração pedindo a intercessão de Irmã Dulce e deu a Cláudia uma pequena relíquia da Bem-Aventurada. A hemorragia cessou, subitamente.

O caso de Cláudia foi analisado por dez peritos médicos brasileiros e seis italianos. Segundo o médico Sandro Barral, um dos integrantes da comissão científica que analisou o milagre, “ninguém conseguiu explicar o porquê daquela melhora, de forma tão rápida, numa condição tão adversa”. O milagre passou por três etapas de avaliação: uma reunião com peritos médicos (que deram

o aval científico), com teólogos, e, finalmente, a aprovação final do Colégio cardinalício, tendo sua autenticidade reconhecida de forma unânime, em todos os estágios.

No dia 10 de dezembro de 2010, o Papa Bento XVI autoriza, então, a promulgação do decreto do milagre que transformava a Venerável Dulce em Beata, ou Bem-Aventurada. A autorização foi dada pelo pontífice ao prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, Cardeal Angelo Amato, em audiência privada no Vaticano.

Com o reconhecimento final do Papa, abriu-se caminho, então, para a realização da Cerimônia de Beatificação de Irmã Dulce, evento ocorrido no dia 22 de maio de 2011, em Salvador. Na ocasião, a freira baiana passou a ser reconhecida com o título de "Bem-Aventurada Dulce dos Pobres", tendo o dia 13 de agosto como data oficial de celebração de sua festa litúrgica.

Em dezembro de 2010, a partir do decreto papal, teve início o processo para Canonização. Para tanto é necessária a aprovação de um novo milagre atribuído à intercessão do beato. Contudo, essa nova graça, para ser analisada pelo Vaticano como potencial milagre de sua santificação ou canonização, precisará ter ocorrido após o dia 11 de dezembro de 2010 – data da promulgação do decreto papal sobre o primeiro milagre. No momento da canonização, o Santo Padre, em virtude da sua infalibilidade, declara que o beato está entre os santos do céu e inscreve seu nome

na lista oficial (cânon) dos Santos da Igreja.

CANONIZAÇÃO

Em 13 de maio de 2019, o Papa Francisco promulgou o decreto que reconhece o segundo milagre atribuído à intercessão de Irmã Dulce, cumprindo-se assim a última etapa do processo de Canonização da beata baiana. Em julho de 2019, durante reunião do Consistório, no Vaticano, o Santo Padre anuncia que Irmã Dulce será canonizada no dia 13 de outubro de 2019. Oficialmente, ela passará a ser chamada de Santa Dulce dos Pobres, a primeira santa brasileira da nossa época e terá como data litúrgica o dia 13 de agosto.

O homem agraciado com o segundo milagre da Mãe dos Pobres é José Maurício Moreira. Natural de Salvador, Maurício, aos 22 anos, teve o diagnóstico de um glaucoma muito sério, descoberto tardiamente e já em estado avançado. O tratamento, que durou dez anos, não foi suficiente para impedir que o nervo ótico – responsável pela comunicação com o cérebro – fosse destruído. Desse modo, na virada do ano de 1999 para 2000, ele ficou totalmente cego de ambos os olhos e assim permaneceu por mais de 14 anos. Em 2014, já morando em Recife, Maurício teve uma conjuntivite muito grave e, sofrendo com fortes dores, pegou a imagem de Irmã Dulce, que pertencera à sua mãe, a colocou sobre os olhos e, com muita fé, fez uma oração pedindo a intercessão do

Anjo Bom, para que aliviasse as dores da conjuntivite. “Ao acordar, comecei a ver a minha mão. Entendi que Irmã Dulce tinha operado um milagre. Ela me deu muito mais do que eu pedi: eu voltei a enxergar”.

O segundo milagre validado pelo Vaticano passou por três etapas de avaliação: uma reunião com peritos médicos (que deram o aval científico), com teólogos, e, finalmente, a aprovação final do Colégio cardinalício, tendo sua autenticidade reconhecida de forma unânime, em todos os estágios. Uma graça só é considerada milagre após atender a quatro pontos básicos: a instantaneidade, que assegura que a graça foi alcançada logo após o apelo; a perfeição, que garante o atendimento completo do pedido; a durabilidade e permanência do benefício e seu caráter preternatural (não explicado pela ciência). O processo de Canonização de Irmã Dulce é o terceiro mais rápido da história (27 anos após seu falecimento), atrás apenas da santificação do Papa João Paulo II (nove anos após sua morte) e de Madre Teresa de Calcutá (19 anos após o seu falecimento).

Finalizando o processo de canonização, em cerimônia realizada no Vaticano, no dia 13 de outubro de 2019, o Papa Francisco proclama a nova santa da Igreja Católica: Dulce dos Pobres.

UM GRANDE AMOR À EUCARISTIA E À VIRGEM MARIA

O bispo da Diocese de Irecê-BA, Dom Tommaso Cascianelli, foi orientador espiritual e conselheiro da Irmã Dulce. Em entrevista concedida à Rádio Vaticano - Vatican-News, Dom Tommaso destacou os traços característicos da espiritualidade de Irmã Dulce, seu amor à Eucaristia e a Nossa Senhora: *“Certa vez, quando Irmã Dulce me falava dos problemas da Obra com o Hospital Santo Antonio, com tantos enfermos, médicos, funcionários, perguntei como ela fazia? Ela me respondeu: ‘Eu consigo superar todas as dificuldades com o grande amor que tenho para com a Eucaristia e Nossa Senhora’”*.

Dom Tommaso prossegue: *“Ela rezava o Rosário completo todos os dias, e todos os dias recebia a Eucaristia. Tanto que a Eucaristia foi, com certeza, a maior dor que ela sentiu quando não podia comungar, pois, devido a um problema pulmonar, foi feita uma traqueostomia e ingeria todos os alimentos através de um pequeno tubo, com um mecanismo que empurrava uma solução diretamente para o esôfago e estômago e comungar se tornou difícil. Lembro que levava a Eucaristia e, às vezes, colocava um pedacinho por baixo do lugar onde ingeria os alimentos e ela se sentia forte no dia em que comungava. Sentiu um sofrimento muito grande nos últimos anos. Quando eu a visitava, duas ou três vezes por semana, lhe dizia que oferecesse tudo pelos enfermos, pelo Hospital Santo Antonio, pelos pobres e ela sempre me dava sinais*

positivos com a cabeça e eu percebia também, através do rosto, que ela confirmava o gesto feito pela cabeça de oferecer tudo a Jesus Crucificado. Posso salientar o grande amor à Eucaristia, a Nossa Senhora e aos pobres e enfermos. Esses ela não olhava tanto a pessoa, embora tivesse um carinho especial também pela parte humana, mas como ela dizia: **‘Eu vejo no rosto dos enfermos, dos pobres, das pessoas jogadas fora, embaixo das marquises, o rosto sofredor de Jesus’**. Essa irmã frágil (porque era mesmo muito frágil) tinha uma força interior difícil de se encontrar em outras pessoas”.

Em outra ocasião, questionada sobre a devoção Eucarística, Irmã Dulce respondeu: “Jesus, não querendo se separar de nós, pobres e miseráveis criaturas, resolveu ficar toda a vida conosco pela santa Eucaristia. Nunca poderemos compreender este mistério de amor de Deus para com seus filhos: na hora da santa comunhão Ele se faz um conosco. Pensemos bem na nossa responsabilidade de trazer Deus conosco. Nós, portadores de Cristo, devemos dar testemunho às pessoas de vida dedicada a Deus na pessoa do pobre. Devemos levar uma vida edificante e santa, principalmente na comunidade, na vida fraterna, na família, na qual devemos olhar as virtudes de nossos irmãos e irmãs, e não os seus defeitos. Ame simplesmente, porque nada nem ninguém pode acabar com um amor sem explicação”.



BEATO CARLO ACUTIS

Filho primogênito de Andrea Acutis e Antonia Salzano, Carlo nasceu em Londres, em 3 de maio de 1991, onde sua família estava, devido ao trabalho de seu pai, e ali também foi batizado. Pouco tempo depois, voltaram para sua terra de origem, a Itália, Milão, onde Carlo passou sua infância.

Seus pais tinham uma boa condição financeira, nada faltava ao menino, mas, eram um pouco pobres espiritualmente. Ambos de formação cristã, mas afastados da Igreja, o que foi testemunhado pela própria mãe: “Carlo recebeu graças especiais. Eu não era particularmente devota, mas Carlo, desde pequeno, sempre quis ir às igrejas”.

(Entrevista ao ACIdigital - <https://www.acidigital.com/noticias/mae-do-futuro-beato-carlo-acutis-revela-detalhes-pouco-conhecidos-de-seu-filho-millennial-39118>).

Neste ambiente católico, mas afastado da Igreja, Carlo foi criado, mas a Providência Divina não o deixaria só. Logo teve uma babá, polonesa, que começou a ensiná-lo as coisas de Deus. E, muito cedo, com três a quatro anos de idade, já demonstrava um imenso interesse pelas coisas de Deus, mostrando uma vocação extraordinária de alguém escolhido por Deus.

Em consequência, Carlo passou a questionar muito sua mãe sobre Deus e ela foi buscar auxílio com um sacerdote de Bolonha, que a aconselhou a aprender as coisas de Deus para orientar o menino. E assim, sua mãe, Antonia, acaba voltando ao convívio da Igreja: “Carlo foi para mim um ‘salvador’”.

TUDO PARA JESUS

O que distingue Carlo de outras crianças? No decorrer de sua existência, logo descobre uma pessoa singular: Jesus Cristo, e, crescendo, se apaixona loucamente. Desde tenra idade, o encontro com Jesus contagia sua vida. Encontra n’Ele o Amigo, o Mestre, o Salvador, a própria razão de sua existência. Sem Jesus no seu cotidiano, nada pode ser entendido da sua vida.

EUCARISTIA: MINHA ESTRADA PARA O CÉU

A Eucaristia o transforma, pois sua vida é inteiramente eucarística: não apenas ama e adora profundamente o Corpo e o Sangue de Jesus, como também recebe nele o aspecto oblativo e sacrificial. Já antes de sua 1ª Comunhão, recebida com apenas sete anos, no Mosteiro de Romite de S. Ambrogio ad Nemus, de Perego, cada vez mais, alimenta uma grande devoção ao Santíssimo Sacramento, no qual sabe e acredita que Jesus está realmente presente, ao lado de suas criaturas, como Deus e o maior Amigo que existe.

Participa da missa e da comunhão todos os dias. Passa muito tempo em silenciosa oração de adoração, em frente ao Tabernáculo, onde parece extasiado pelo amor. É isso mesmo: a partir do mistério eucarístico, aprende o amor infinito de Jesus por todos os homens.

Tudo isso é uma "escola" contínua de dedicação, onde aprende que não basta ser honesto e bom, mas sente que deve se entregar a Deus e servir a seus irmãos e irmãs: **lute pela santidade, seja santo!** De lá nasce seu zelo pela salvação das almas. Carlo não se limita a rezar, o que já é uma grande coisa, mas costuma falar de Jesus, de Nossa Senhora, dos Novíssimos (das realidades últimas: morte, juízo, inferno, paraíso) e do risco de se perder, com o pecado mortal, em condenação eterna.

Carlos tenta, acima de tudo, ajudar aqueles que vivem longe de Jesus, imersos em indiferença e no pecado. Muitas vezes se oferece, ora e repara os pecados e ofensas cometidos contra o Amor divino, contra o Coração de Jesus, que se sente vivo e palpitante na Eucaristia. Como Santa Margarida Maria Alacoque, também nutre em si o desejo de levar almas ao Coração de Jesus, no qual confia e se abandona todos os dias. Em particular, toda primeira sexta-feira do mês, dedicada para reparar os pecados e merecer o Céu, de acordo com a "grande promessa" de Jesus, em 1675, a Santa Margarida Maria. Entre seus escritos, suas "anotações da alma", talvez a afirmação mais bonita seja justamente esta: **"A Eucaristia? É minha estrada para o céu!"**.

Esse hábito assíduo e diário de se aproximar da Eucaristia vivifica e renova seu ardor em relação a Jesus e faz dele um amigo íntimo, como confirmado pelos padres que o conheciam de perto e também por seus companheiros. Jesus o faz queimar os estágios em seu caminho de ascensão.

Agora sabemos o porquê: sua existência teria sido curta e o caminho da perfeição precisaria ser coberto por ele em pouco tempo. Carlos não se retira e não se afasta e, embora saiba que é tão diferente da sociedade que o cerca, também sabe que a santidade é realmente a norma da vida; deixa-se guiar pela mão, confiante de que Jesus escolheu para ele "a melhor parte", que não lhe será tirada. Ele sente, dentro de si, a certeza de ser amado por

Deus e quer ser apóstolo da Verdade e do Amor, com o próprio Jesus.

ANUNCIADOR DE JESUS

Carlo é apreciado e respeitado por seus colegas de classe, a quem sempre ajuda, mesmo que às vezes seja ridicularizado por sua fé muito viva. Não é um diferente dos demais, mas tem muito claro para si que conheceu Jesus e, para ser fiel a Ele, também está pronto a desafiar a maioria, porque acredita que só está certo quando está na Verdade, e não necessariamente fazendo parte da “maioria”. Portanto, não teme críticas e escárnio, mas sabe que isso é inevitável para conquistar companheiros e amigos para a causa de Jesus. Carlo pretende conquistar almas e há pessoas de outras religiões, que por terem conhecido e falado com ele, pediram o batismo na Igreja Católica.

Em um mundo baseado no efêmero e na vulgaridade, dá testemunho de Jesus e do seu Evangelho, que a maioria perdeu ou esqueceu. Não tem medo de se apresentar como uma exceção e caminhar contra a corrente e a mentalidade pagã predominante.

Carlo sabe que, para seguir a Jesus, precisa de uma grande humildade e um grande sacrifício. Seus modelos são os pastorinhos de Fátima, Jacinta e Francisco Marto, São Domingos Savio e São Luís Gonzaga, e depois São Tarcísio, mártir da Eucaristia. Com

constância e perseverança, faz parte desse grupo de crianças que narra a glória de Jesus com a existência. Esforça-se para se sacrificar e viver continuamente em amizade e graça com Jesus. Tem em sua vida, duas colunas fundamentais: a Eucaristia e Nossa Senhora.

EVANGELIZAR SEMPRE

Carlo é um gênio da computação, apesar de sua pouca idade. É forte de espiritualidade, pois sua fé é firme e diligente. Seus companheiros buscam-no para aprender a usar o computador da melhor maneira possível, e Carlo, enquanto explica programas e comandos, dirige o discurso às Verdades eternas, para Deus. Mobilizado e contagiado por Jesus Eucarístico, nunca perde uma oportunidade de evangelizar e catequizar. Seu exemplo testemunha, sua palavra persuasiva explica os mistérios da salvação. Exala um encanto singular, tem um magnetismo espiritual, diríamos, uma autoridade que não é da sua idade. Seus companheiros concordam em dizer que Carlos era uma verdadeira testemunha de Jesus e anunciador de seu Evangelho.

O jovem Carlo Acutis entendeu que um grande esforço missionário é indispensável para proclamar o Evangelho a todos. Impressionado, aprecia a intuição do Beato Thiago Alberione (1884- + 1971) de usar os meios de comunicação a serviço do Evangelho. Seu objetivo é o dos missionários mais verdadeiros:

alcançar o maior número possível de pessoas e deixá-las conhecer a beleza e a alegria da amizade com Jesus.

Nessa visão da realidade, toma como modelo São Paulo, o apóstolo do povo, comprometido de todo o coração a levar o Evangelho a toda criatura, até o sacrifício da vida. Carlo é um verdadeiro filho da Igreja, por ela reza e oferece sacrifícios. Seu pensamento constante é dirigido ao Papa, João Paulo II, e, depois, Bento XVI, pois crê no Vigário de Cristo, a quem oferece penitências e orações. Carlo é apaixonado por ouvir o Magistério do Papa e seguiu-o. Assim, amadurece um conhecimento extraordinário da fé, ainda mais se considerarmos sua idade. Compreende e ilustra conceitos de fé com palavras tão simples e compreensíveis (inclusive nas redes sociais), que nem mesmo um teólogo poderia usar melhor.

Deixa maravilhados e encantados tanto o pároco quanto os religiosos e demais pessoas que o conhecem e ouvem. Aqueles que se aproximam dele partem com a certeza de que Jesus é realmente o único Salvador esperado pela humanidade até hoje, e o único que sabe como preencher completamente o coração do homem.

Carlo também mostrava uma predileção pelos milagres eucarísticos e aparições de Nossa Senhora. Tinha uma consciência muito clara de que a Eucaristia é muito mais que os milagres eucarísticos, é o próprio Jesus vivo, mas dizia: “Se Deus se deu ao

trabalho de vir do céu para fazer esses milagres, é porque esses milagres precisam ser conhecidos!”. E, assim, o menino, com 11 para 12 anos de idade, começa a trabalhar numa pesquisa sobre os milagres eucarísticos que acaba se tornando uma mostra internacional. Para obter o material necessário, fotos, folhetos, informações, etc., viajou ao redor do mundo, o que é testemunhado por sua mãe que o acompanhava.

Essa exposição virtual ainda está presente na web - www.miracolieucaaristici.org. - ou no site oficial – www.carloacutis.com, onde se pode selecionar o idioma.

CONSAGRADO À NOSSA SENHORA

O outro pilar fundamental sobre o qual ele constrói a vida é Nossa Senhora: a Ela consagra toda a vida; recorre a Ela em momentos de necessidade, certo de que Maria Santíssima não recusa nada. É impossível falar sobre Carlo sem considerar sua forte devoção à Nossa Senhora. Fascinado por suas aparições em Lourdes e Fátima, vive a mensagem de conversão, penitência e oração. De Fátima, aprende a amar o Imaculado Coração de Maria, rezar e oferecer sacrifícios para reparar as ofensas que muitos lhe causam.

Maria Santíssima é sua advogada, sua Mãe. Sabe que Ela é fiel e por sua causa, se entrega à recitação diária do Rosário,

espalha a devoção Mariana entre conhecidos, visita seus santuários, incluindo Lourdes e Fátima. Entre os "seus" santos preferidos estão Santa Bernardette Soubirous e São Francisco e Santa Jacinta Marto, os pastorinhos de Fátima, e fala sobre eles com muita vontade, para convidar muitos a viverem as mensagens de Nossa Senhora.

Carlo fica profundamente impressionado com a história da visão do inferno, conforme relatado pela irmã Lúcia de Fátima e decide ajudar mais pessoas que podem salvar suas almas. Parece impossível para um garoto, mas Carlos lê o Tratado do Purgatório de Santa Catarina (Fieschi) de Gênova (1447-1510), no qual a santa descreve as penas das almas no Purgatório. Carlos oferece orações, penitências e comunhões em seu sufrágio.

Em um mundo fechado à grande verdade da fé, Carlo sacode a consciência e nos convida a olhar frequentemente para o "Céu". Na família, na escola, no meio da sociedade, torna-se uma testemunha da Eternidade. Ele vive puro como um anjo, confiando sua pureza a Nossa Senhora e costumava sempre pedir orações por sua pureza às freiras de clausura e era muito interessado na vida de oração delas. Defende a santidade da família contra o divórcio e a sacralidade da vida contra o aborto e a eutanásia, nos debates em que se vê envolvido.

"EU QUERO O CÉU IMEDIATAMENTE"

Sua bela história é narrada no livro de Nicola Gori, “Eucaristia, minha estrada para o céu”⁴.

Este jovem de Deus, no início de outubro de 2006, sofre de uma forma muito grave de leucemia, incurável, e é hospitalizado, mas não tem medo: "Ofereço todos os sofrimentos que terei que sofrer, pelo Senhor, pelo Papa e pela Igreja, para não passar pelo purgatório e ir direto para o céu". Confessava-se frequentemente, e Jesus o recebe em seus braços.

Recebeu a Unção dos Enfermos e a Eucaristia para a vida eterna. Antes de partir, sorriu para todos, com olhar bonito e com serena coragem. Às 6h45 de 12 de outubro de 2006, Carlo Acutis, com apenas 15 anos, contempla Deus para sempre. Pequeno grande amigo maravilhoso e apóstolo de Jesus Cristo. Somente o Divino Redentor e sua Igreja podem formar meninos como este, um sinal de que ainda hoje, como Montalembert escreveu, *“Aquele que pende da cruz continua a atrair a juventude e o amor para Si mesmo”*.

⁴ Biografia de Carlo Acutis, S. Paolo, Milão, 2007.

BEATIFICAÇÃO

Em 13 de maio de 2013, a Santa Sé concedeu o aval para o início de sua causa de beatificação, cuja investigação diocesana ocorreu em Milão, de 15 de fevereiro de 2013 a 24 de novembro de 2016. Em 5 de julho de 2018, o Papa Francisco autorizou a promulgação do decreto que declara o venerável Carlo, cujos restos mortais repousam, desde 6 de abril de 2019, em Assis, na igreja de Santa Maria Maggiore. No mesmo ano, o Papa citou Carlo na exortação apostólica pós-sinodal "Christus vivit". Em 21 de fevereiro de 2020, autorizou a promulgação do decreto relativo a um milagre atribuído à intercessão de Carlo, abrindo caminho para sua beatificação.

Carlo continua sendo um mistério: com seus 15 anos claros e ensolarados, com seu desejo de viver e sua alegria avassaladora, mas, acima de tudo, com sua fé que desafia a nós, adultos.

ÍNDICE

Carta Pastoral	5
“Aproximou-se e pôs-se a caminhar com eles... Os seus olhos, porém, estavam como vendados, incapazes de reconhecê-lo” (Lc 24,15-16)	8
“Como sois sem inteligência e lentos para crer... E explicou-lhes, em todas as escrituras, o que se referia a ele” [vv.25-27]	10
Lentos de coração para crer	11
A catequese	13
A homilia	14
“Fica conosco, pois já é tarde e o dia está declinando!” [v.29a] ..	15
O dia está declinando	16
Ele entrou para ficar com eles	18
“Senhor eu não sou digno de que entres em minha morada” (Mt 8,8)	18
“Depois que se pôs à mesa com eles, tomou o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e deu-lhes. Então os olhos deles se abriram e O reconheceram” [vv. 30-31a]	20
Então os olhos deles se abriram	22
E O reconheceram	25

“Ele, porém, desapareceu da vista deles” [v.31b]	27
Adoração Eucarística	28
O silêncio	29
“Naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram a Jerusalém, onde encontraram reunidos os onze e os outros discípulos... e confirmaram – realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão” [vv.33-34]	31
A pastoral vocacional	33
Conclusão.....	34
São Francisco e Santa Jacinta Marto	38
Santa Dulce dos Pobres.....	55
Beato Carlo Acutis.....	64